

14
LIVRO PROHIBIDO

(PROFECIAS, FARÇAS & SANDICES)



Fialho d'Almeida
Abundio Gomes
Manuel Penteado

Escreveram

Celso Herminio
e
Francisco Teixeira

Interpretaram

Livro Prohibido

Profecias, farças e sandices

Fialho d' Almeida
Henrique de Vasconcellos
Manoel Penteado

escreveram

Celso Herminio
e
Francisco Teixeira

interpretaram

JOSÉ AUGUSTO ALVES
R. Heliodoro Salgado, 71-4.^a
LISBOA

Lisboa 1904

Livro II

—

—

—

—

A ABRIR

Vae o leitor assistir a um espectáculo-sinho em tres actos, complexo — tragedia, comedia de salão e uma revista politica e de costumes — onde tres escriptores trataram de lhe resumir, em tres figurações diferentes, o quantum d'anotação filosofica, optimismo ou agrura dos seus espiritos fasciados.

Espectaculo que o leitor não terá de pagar por um quartinho, como no D. Maria e D. Amelia, obrigado de dois em dois minutos a erguer-se para deixar passar um senhor retardatario, e que a seu talante pode aplaudir ou patear, sem que maiormemente isso lhe traga as hostilidades de ninguem.

Os auctores que para esta recita escreveram, são pessoas de tempera diferente e idealisação sentimental de varia côr. Um é já russo, semsaborão, desiludido, e dos tropo-galhapos da vida trazendo apenas uma sacola cheia de tristezas e um coração vazio de sonhos. Na sua qualidade de velho, apenas o interessam da vida os *porquês* longinquos das coizas, a razão de ser mysteriosa ligando o facto exterior ao ocultismo da idéa inicial. Por

isso, para elle, mulheres e homens não passam de fantôches reeditando comédias de que o *struggle-for-laifco* e o coeficiente ancestral são os verdadeiros auctores tachygrafos; e da justaposição d'estas comédias resulta o drama da multidão, vida dos povos, á flôr do qual caducas tradições permitem sobreleve um ou outro episodio archaico, incongruente—como a farça dos cultos, dos milionarios despoticos, dos heroes guerreiros e das monarchias hereditarias, motivo e móla da servidão bestial em que ainda hoje o triste ser humano se debate, e d'onde não poderá sahir, emquanto a corda que arrastar o Deus, não derranque a seu turno o resto da cambada.

O outro é uma especie de velhinho imberbe de trinta annos, ironico e jovial, mau grado os achaques da doença, e cuja boca infantil inda tem dentes, e em cujo coração de jardim pombas se beijam, e fazem ninho as andorinhas brancas do Senhor.

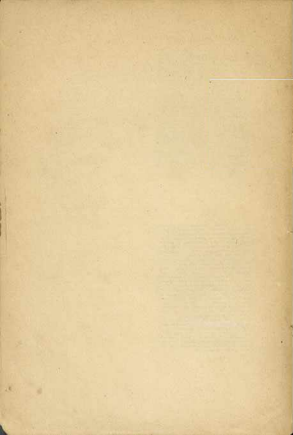
Para essa idade só os *comos* das coizas teem interesse, sendo os *porques* como umas inutilidades foscas que não contam. No seu theatrinho *guinhol* de faia branca, o bom velhinho imberbe irá dialogando, com falsetes de mofa, as scenasinhas bur-

escas da revista, destacando as pontas venenosas, fazendo valer graças e chufas; e o espectador verá passar em farandolas patuscas, em *giornos* de galantaria endiabrada, todas as silhuetas de politicos e de gentlemen, de rufiões e de *ras-tás*, sublinhadas pelo assobio vivaz do garoto de rua que lh'as mostra.

Finalmente, o terceiro comediografo é no espectáculo, de nós tres, o unico incorregivel idealista, aquelle que não quer por força crer nos *dessus* plebeamente ignobeis da vida, aquelle que mesmo com as lunetas de Bocacio, em vez de cópulas brutaes, só vê idyllios de leque e flirtações d'aguarela e *keepsake*. Para este não ha senão mulheres formosas, homens amaveis e elegantes, *garden-parties*, caçadas, danças, mascaradas, sendo tudo o mais uma coiza indigna d'estudo, e grosseira bastante para se não occupar d'ella uma intelligencia aristocrata.

Como vae a platéa receber peças tão várias, espectáculo tão mal cazado nas diferentes partes que o compõem?

Eis o que a esta hora deve estar preoccupando... o bilheteiro, muito menos a nós, que dispensamos corôas, e por uma velha experiencia quazi estamos em lhes bem preferir as apupadas.



LIVRO PROHIBIDO

Falta de Juízo
do Anno—

Des' que a policia emprehenheu dar caça á bruxaria lisboeta, cada vez é mais difficil desencantar astrologo em buraco.

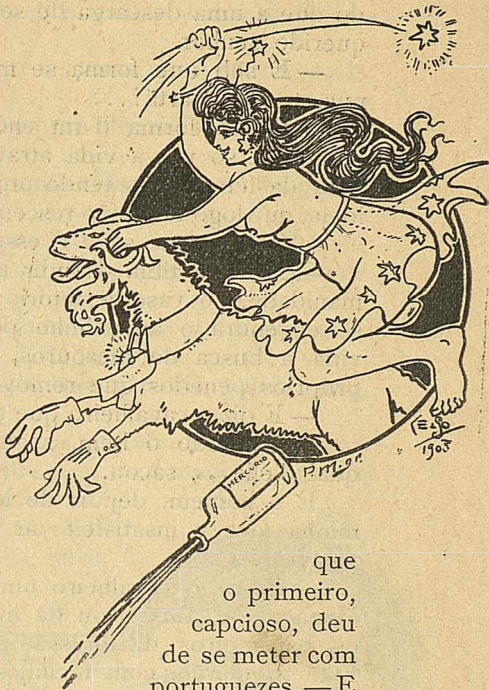
Por força hão-de os juizos do anno resentir-se; donde resulta que sendo impossivel topar de perto um Nostradamus á altura das minhas curiosidades d'ocultistica, resolvi levar simplesmente o anno novo ao consultorio d'um clinico especialista.

—Em Portugal, disse-me o mestre, são trez os fócios magicos sob que principalmente se cumprem os fados dos mortaes, e pela mesma ordem sempre, que é a natural, des' como contas:

—Venus primeiro... e quem Venus diz (fez com dois dedos o signal de dois traços divergindo, em plena frente), Capricornio sugere, não é verdade?... e quem diz Capricornio, diz —Mercurio...

Um pouco atarantado pelas afinidades que elle descobria em coizas para mim completamente alheias entre si, aguardei da sublime boca, a inadiavel explicação.

—Nos povos d'ensimesmação pouco profunda, como



que
o primeiro,
capcioso, deu
de se meter com
portuguezes. — E
desfiando as palavras

são todos os latinos, os instintos ganham em força o que á vontade falta em mão de redea pra lhes refrear os haustos animaes.

E assim, no amor, o que para as raças loiras é conclusão fysiologica, archi-lenta, d'um problema moral muito intrincado, para as meridionaes a pouco menos se reduz do que a uma descarga de sentidos.—Venus! Venus! meu querido senhor.

—E sob que forma se manifesta esse planeta? Continua, terça, quarta?...

—Sob a forma d'um chôco ou quebranto que leva o homem a só vêr a vida atravez das convexidades prismaticas da femea, não tendo um desejo, um movimento, uma ideia, que logo tudo não rescenda ao tradicional saco de noite.

—Sac... que saco é esse?

—Maneira tibia d'aludir ao *fons vitae* da primacial humanidade, ao vaso gestatório onde, por alchimias mucosas, se engendra o animalinho perverso e subtil que passa a vida á busca de thezouros, para afinal succumbir sob os proprios penedos que remóve.

—E diz o cavalheiro que todo o mal deriva do tal saco?

—Ou todo o bem, segundo as impressões que cada qual d'elle... sacou.

E o homem, depois de lêr nos traços circumflexos da minha face o insatisfeito ar de quem não vae assim com palavrões:

—Passe o cavalheiro uma tarde ali pelas esquinas da Monaco, do *Suizzo*, ou da livraria Tavares Cardoso, e leia os barometros da pressão sensual atmosferica reinante. Este trigueirão, com focinhos ferrados de bull-dog:

—Ui, que borrasca de tempo! Não tenho hoje visto senão coiros, irá dizendo.

Outro, radiante, com os bigodes em croc, e a botoeira cheia de gardenias:

—Que temperatura delicada! Que belleza de dia! Imaginem que é tudo na Avenida, mulheres boas...

De certo funcionario prevaricante, dirão diversos:

—Que imenso pulha! que traste! E outros tantos em côro serafinesco:

—Traste, pulha... Para onde deita você os seus chinellos? Um homem com duas filhas d'estalar!

Em politica :

— Eu cá, as minhas ideias são pra republicano ; mas *denes* que vi a rainha D. Amelia ...

Aqui teem o distincto orador Parvo da Silva, que vem de trahir ruidosamente o governo que o inventou. Interpelado.

— Homem, é que nenhuma das mulheres dos ministros tinha rabo.

Digo ao janota Reimão que as suas luvas são do mais barato e peor da luvaria.

— Pois olha que compro sempre do mais caro.

— Muda de loja.

— Mudaria de loja, me responde. Mas o que não posso mudar, é de luveira.

Produz-se nos tribunaes, por ladrão, certo cobrador de banco, homem austero, velhusco, e com uma vida inteira de hombridade.

— Eu levava os noventa contos, senhor Juiz, com *tenções* formaes de os entregar. E lá estariam no Banco, se na Rua das Gaveas uma hespanhola não diz « *adiós, hermoso!* ».

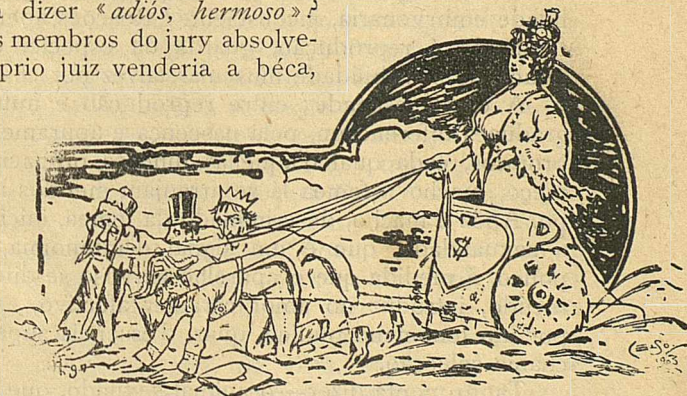
— Qual de vós outros, jurados, declamaya o defensor na audiencia, qual de vós entregaria o dinheiro, ouvindo uma pecega dizer « *adiós, hermoso?* »?

Todos os membros do jury absolveram. O proprio juiz venderia a béca,

os proprios ministros sujariam as pastas, o proprio monarcha, o proprio Deus...

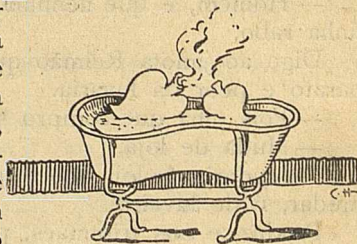
— Homem, lá isso do proprio Deus, é hespanholada.

— Hespanholada. Pois faça o cavalheiro favor d'indagar se o Senhor dos Passos, quando sae do Desterro, não vae logo á Encarnação.



—Influência mortífera de Venus, dizia eu.

Se interrogarmos a maior parte dos que em Portugal, por plethora afectiva, ou belprazer do officio amoroso em que vão feitos, fazem do amor a quasi exclusiva razão da sua vida — se interrogarmos sobre o que pensa cada qual d'esta palavra amor que os faz viver, hemos de ter surpresas curiosas, e ir concordando em que quasi todos amem apenas com os instinctos meio cegos do sexo, á semelhança do cão, do burro e do cevado, quando muito admitindo como movel de psychologia amorosa, esse *genio da especie*, que Schopenhauer inventou, para não perder pé na vasa do problema.



Corre-se a escala animal, desde os cyclos oscuros de protozoarios, infuzorios, em que alimentação e reprodução se confundem; sem órgãos seus, n'uma serie de fenomenos indistinctos. Que coisa é o amor n'aquellas trevas da animalidade embryonaria, inconsciente? Reações apenas motoras, tendendo á reprodução, guarda da especie, e com uma pouca de sensibilidade muscular talvez por chamariz...

A escala ascende; entre reprodução e nutrição, sizões graduaes diferenciam, pela nascença e apuramento d'órgãos proprios, cada qual d'aquellas funções primaciaes. Em começo, macho e femea lá se arranjam metidos n'um só corpo. Apóz o macho, descriminado da femea, inicia apar d'ella a sexualidade, que é um signal d'autonomia, e pouco a pouco, á medida que o aparelho nervoso se diferencia e faz meúdo, introduz no amor character affectivo, este revelado por um fenomeno pudico, quasi d'essencia superior, que se chama selecção.

Tanto monta dizer—o animal sexuado, que em especies imperfeitas, a principio, para reproduzir-se, não escolhe, acaba já nas mais superiores, por escolher, lutando para isso com outros, sofrendo pelos desdens da femea eleita, e emfim inpondo-se a esta por actos de galhardia, beleza e se-

dução amorosa, cujo evidente proposito é conquistá-la. Em tudo isto admire-se a raridade do senso dirigente, o enca-deado de phenomenos psychicos, completo, como os que por exemplo nos passaros cantores deixam vêr faculdades estheticas, intensas, e n'outros animaes até, verdadeiros determinismos — haja vista esse pobre cão obstinadamente fiel á sua amiga cadela, uma certa que os mais perros confundiriam com outras, e elle escolheu, distinguuiu entre mil, no meio da rua...

Vae, por que lentas e subteis metamorfoses vem o instincto sexual sobrelevando, do vago germen motor, que é o seu nucleo hyperboreo primitivo, á mimosa e pura differenciação mental chamada o amor humano, entidade emotiva especifica, sythematisação consciente, exclusiva, divina do desejo, psychologiquement isolavel de todas as outras manifestações brutaes que o acompanham? Eil-o como a querer evitar as confusas primeiras bossalidades da reprodução animal rudimentar, a lhes preferir uma fase sensível, que se complexifica e arco-irisa té aos primeiros signaes d'uma affectividade terna e compassiva — os quaes por seu turno alumbram novos seres, té desdobrarem no pico-sagro da cordilheira animal, a ronda das virtudes patheticas com que a intelligencia, sucessivamente mais rutila, mitiga as brutalidades da luxuria, altruizando a sensação pelo desdobramento de novas e novas circumvoluções cerebraes que vem surgindo... E' então a apotheose humana, a transfiguração da lascivia carnívora, na inefavel doçura d'amar *querendo bem*, isto é, sofrendo, idealizando, julgando impolutamente o amor e os seus grangeios sentimentaes. O que esse amor tem de sublime, é elle ser entre todas as expressões polymorficas da sexualidade, creada nos animaes sob o ponto de vista da especie, já uma coenestesia transcendentalmente liberta d'aquelle providencial ponto de vista. Modalidade a que homem e mulher chegaram por uma sythematisação mental, diferenciada das outras do instincto reproductor, por caracteres irreductiveis, e finalmente afirmando-se por uma sythematisação d'escolha, absoluta, em individuo uno e sempre o mesmo. De sorte que pela exclusiva essencia cerebral

d'onde refulge, esse amor é um signal de fulminea realleza, depurado nos sucessivos cadinhos das especies, e vindo ao homem como um presente raro da selecção.

— Presente raro?

Raro sem duvida, porque como entidade mental independente, certo não póde ser apanagio de todos, ate quando, mais baixo, hereditariedades afectivas o rastejem. Raro, dizia... e podemos talvez congratular-nos, porque este amor, producto d'evolução seguida, rapida e esgotante, poderá atingir cimos d'abstracção donde só a esterilidade ou a degenerescencia o movam para a morte.

Uma especie de psychologo russo, A. Vassilieff, que profundou o problema sobre indagações d'embryologia e histologia, assenta que a reproductibilidade da materia, em agregado normal, é tanto maior, quanto mais em estado inferior ella estiver.

O postulado estabelecido para os elementos celulares, é identico para os tecidos, formados de celulas, para os organismos, compostos de tecidos, e finalmente para as sociedades, compostas d'organismos.

D'ahi concluir-se que as classes superiores sejam menos fecundas que as mais baixas (precisamente o que na pratica se confirma), á proporção que o amor, de simples instincto reproductor, sóbe á diferenciação quasi exclusivamente psychica, autonoma, amputada de liames sexuaes. E por ahi explicar talvez a esterilidade dos genios, e certas estranhezas que a historia ruborisada menciona nos amores de grande numero de homens illustres pelo cerebro, (haja vista aquelle pobre Oscar Wilde), e que outra coisa não seriam senão productos do amor mental, inuteis á especie, certo, mas evolutindo ainda na curva fisiologica, por entre as vaias parvas da canalha...

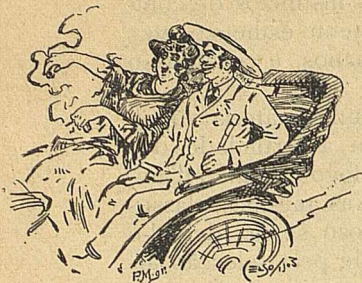


Convenha-se em que mui pouca gente logre sentir o amor no grau d'encerebração singular que a traz fica pintado, e seja um amor mais ras-teiro, não exclusivamente intelectual, mas inquinado de causas subalternas, ex.: hereditariedades afectivas, desejo ou

prazer da sensação voluptuosa, obscuros instinctos de compensação organica, reproducção, corregimento esthetico, etc., quem afinal domine a maioria dos humanos, e constitua o mantenedor tutelar da especie inteira.

E' mesmo sob a forçosa condição d'uma materia subalterna que, lá diz o russo, elle exagera a fertilidade dos ventres, e entretem nas gerações um renovo continuo d'animalidade que lhes garante a robustez. Nas mesmas classes cultas, bem postas e mantidas, imperioso se faz deixal-o n'esta mediocridade psychologica, d'onde pela selecção artistica e moral depois se evolve a pequena minoria d'amorosos superiores, consoante o typo que fixei.

Succede porém que nas classes folgadas de Portugal, na população das grandes cidades sobretudo, o amor, mercê de causas depressivas, nem este typo, meio sexual, meio ideal, logra manter, e vê-se na gente nova uma especie de sensualidade incontinente, sem ternura, nem escolha, uma regressão feroz ao cio da besta, que brutalidades atavicas ou cupidez de lucro reclamam se exerça sobre uma victima em geral não participante nos gosos, e só destinada á humilhação do cevo irracional. Essa victima é a mulher legitima ou a amante, a gualdrana do Jansen ou a largartixa dos coios occasionaes, n'uma palavra, a mulher sacco de noite, boneca de cautchouc com agua quente, sem outra função mais que o deboche do macho, á hora sem testemunhas em que toda a polidez hypocrita e toda a filosofia altruista se despem, como importunas flannels, ficando em scena o carnivoro tragico, dentro da pele lanzuda d'um gorilla. Da educação desmazelada que em Portugal recebe grande parte dos filhos da gente rica ou remediada, resulta uma soltura de vida em que principalmente jogam as grosserias do instincto não dominado por qualquer refreio de natureza esthetica ou moral. A' precocidade e sensualidade da raça, que tem da oriental e da negra os avanços de função e os desvarios da imagem lubrica, bramindo, costumam juntar-se n'esses moços, um desapego de família, uma obliteração do senso moral, uma inconsequencia de vida, uma inversão da ideia de honra e de dever, que não raras vezes são causa de se inutilisarem muitos em plena mocidade, e irem resvalando outros, pela miseria e pelo vicio, á condição de descarados bandoleiros ou despreziveis troca-tintas. Quem percorre os pro-



tibulos caros, os botequins e praias elegantes, abysmado fica da quantidade de nomes illustres usada pelos bebedos, *souteneurs* e estoira-vergas d'esses recantos da bórga juvenil.

Sem esses nomes respeitados (alguns mais pela força do oiro, do que por quaesquer virtudes de raiz) semelhantes récuas de fadistas alcoolicos, analfabetos quazi, e d'uma impulsividade delictuosa que lhes aflora a mascara embrutecida, seriam a escória dos calabouços; consente-os entanto a cobardia dos nossos habitos relassos entre os agápes e prazeres da gente limpa, mistura-os sem cautella a curiosidade das mulheres, n'uma intimidade de salas e d'alcovas, o que necessariamente ha-de fazer com que a sua grande pratica d'alcouces, frutifique, e elles, viciosos, em todas as sortes de mulheres vejam a femea, e dentro da femea o vaso, e dentro do vaso a poluição.

As pessoas que frequentam habitualmente Cascaes, conhecem todas a moda reinante entre meninas da côrte, d'afectarem por palavras equivocadas o conhecimento de coizas que o natural decoro mandaria reservar. Todos ouviram contar d'aquella juvenil beleza do paraizo lawntenista de que S. M. em publico usa cercar-se, a *fingir que dá na bola*, como o povinho agora diz.

Segundo chronicas do *sporting*, S. M. teria perguntado a essa interessante menina que coiza eram duas ou tres melittas rozeas com que o ardor do sol lhe musgara a pele do rosto. — Sifilis, teria respondido a donzela, repercutindo o que ao visconde Reinaldo ouvira dizer, das manchas d'elle. Pessoas perspicazes, que d'alguma forma teem convivio na alta purria, a cada passo são agradavelmente surpreendidas pela quantidade de detalhes com que as senhoras comentam e folheam, nos sitios de palestra, a vida das *cocottes* e *buveuses d'âmes* de Lisboa. Todas sabem d'onde veio a Concha, quem deu os solitarios á Pepa, e quaes os amantes e fracassos das casadas a quem os maridos recusam a... santa união.

O general de H., octogenario elegante, e toda a vida o mais incorregivel putanheiro, ia ás noites a casa da Antonia, fazer banca, e «ver os rapazes reinar co'as castelhanas». Nas horas d'intimidade, quando as beldades do alcouce tinham sido gentis com os seus vicios inofensivos, costumava tirar da carteira o retrato da filha, joven e formosa menina, educada n'um meio aristocratico.

— E' tão bôa pequena! Muito gostava que vocês a conhecessem. Haviam de ficar amigas d'ella, dizia, fazendo a fotografia girar por entre esses dedos seminaes.

D'um principe nosso, hoje morto, contam ahi que havendo em S. Carlos uma grande festa de caridade, com toda a casa passada, certa hespanhola lhe mandara pedir seu camarote. Bem quizera o pobre infantarrão servir a pêga, mas por mais empenhos metesse, impossivel lhe foi topar recanto onde fazer luzir ave tão lesta. Esfalripava-se a moça, com copia de *recoños* e *me-cagos*, quando, atarantado o principe, das pragas, alvitrou a ideia d'ella poder assistir á recita, do camarote real, traz das cortinas unidas, caso não fosse a rainha mãe, que então regia.

Já tudo parecia sanado, a hespanholita maluca de poluir, com suas nalgas publicas e razas, as poltronas grenats da dynastia, quando já na noite da recita surge esbofado o pobre principe, a lhe dizer que era impossivel cumprir-se a promessa do camarote real, visto a rainha ter mostrado desejos d'assistir.

— *Pues que venga tu madre*, disse a pêga, com o seu melhor ar de receber.

Este papel da croia nos lares onde a educação das honestas não tem resistencia nem verve pra lhes opôr barreira intransigente, este papel explica a maior parte dos matrimonios miseraveis, e sua sucessão d'adulterios tendendo



á systhetmatisação do chifre entre casados. Desde que em Portugal, por banda do marido, é o prostíbulo tirocinio para o talamo, e por banda da mulher a lamécharia sentimental a razão que melhor as leva a dar-se, claro que os casamentos d'amor são satyriases, em vez d'alianças defensivas, d'efemera duração—a menos que adentro d'alma da esposa não despertem lascivias de cortezã polucional.

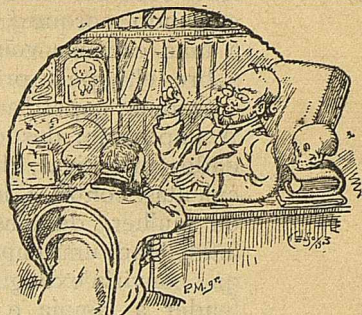
O que muitas d'essas pobres senhoras são obrigadas a fazer, sob as cortinas da alcova, para manter fieis alguns maridos! Em que infinidade de secretos crimes esses pobres maridos serão cúmplices para evitar que a prenhez robusta, que glorifica a mulher, deforme ventres d'esposas ciosas da sua propria estatuaría! Que d'ignominiosas violencias, pobres filhas sem mãe suportarão (contassem-no ellas!) á satyriase lobrega dos paes! A prostituição das creadas, consentida na casa pelos velhos, como profilaxia contra as infeções do bordel, e os ruidosos gastos dos filhos, quanta vez terá documentado a pretendida austeridade do lar, e servido a equilibrar o systema economico da familia! Os proprios figurinos em voga, as saias da mulher projectando para traz tufos de nadegas, os bigodes do homem levantados nos cantos para deixar completamente a boca livre, não serão mesmo indicativos da actualisação singular de certos flirts?

Quem frequenta um pouco hospitaes e consultorios, e sabe das confissões que ao ouvido dos clinicos vão fazer todas essas almas contundidas, obcessões, monomanias lubricas, crises moraes, pavores, ciumes, resvalos na solidão e na velhice, é que bem pode avaliar por quaes noventa cantos se esfacelam e ardem todas essas gentes de cidade, desesperadas de sexo, irritadas de modas e artificios, querendo viver! viver! viver! e chuchurubiadas de força e estanques de vida á terceira ou quarta geração. Para estes homens adulescidos no prostíbulo, o amor é um solo de que a mulher faz só o acompanhamento. Amigas e esposas, são instrumentos de prazer, fricção, flagelação; toda a familia lisboeta se resente d'este egoismo do macho e d'esta passividade estúpida da femea, que entre nós tem sempre o ar d'uma especie d'escrava do marido—porque vive em clausura quasi sempre, porque é no geral mais feia que elle, e porque enfim não tem senão misteres inferiores na residencia.

De sorte que, révoltada, vingá-se, trahindo, em vez de fazer em voz alta retaliações contra o tyrano.

N'uma sociedade onde as uniões baseiam no desejo efemero da carne, eis cessa o motivo d'encanto, se a carne murcha ou o desejo satisfeito—e começam as atomicidades do amor a caprichar... Quer certamente a mulher outro marido. Quer naturalmente o marido outra mulher.

—A influencia orgiastica de Venus, meu caro senhor, que entra a ceder terreno ao... Capricornio.



Emquanto os poetas continuam a cobrir os olhos d'Eros co'a bandeleta symbolica, e a lhe pôr entre mãos a aljava e a flexa envenenada, no coração da mulher toxinas perversas fermentam sobre o que, delido o amor, ahi ficou do instincto de luxuria. Ciumes cavilosos, odios sangrentos do antagonismo dos seres e dos sexos, ascos da carne que nos sugou a seiva sem jámais extinguir o brazeiro da entranha insaciada, rancores de não termos achado o que buscavamos (como se no amor o sonho alguma vez correspondesse ao objecto), ancias de transfigurar, buscar, realisar n'um ser, a volitação esthetica latente na imaginação do homem são e em plena posse de si mesmo — eis ahi factores mais que bastantes para, remotas ou proximas, espertarem as viboras da vingança, e fazerem um amor evoluir da morte d'outro, como na terra renascem, da mesma raiz, ao rebentar da primavera, as

mesmas flôres! A ideia de trahir o marido deve ser na mulher tão velha como o mundo, porque é a primeira que occorre a uma cabecita voluvel no dia em que sobre ella pela primeira vez a força quiz tomar papel d'auctoridade. A imposição, desde as sociedades primitivas, de leis trululentas contra a infidelidade da mulher, demonstra n'essa infidelidade uma impulsão usual que conviria extinguir para defender a familia e virilisar a alma da republica.

A meu vêr Adão deve ter sido o primeiro corno, e a série tem augmentado tanto atravez a historia do mundo que ha em todas as religiões sectores especiaes no paraíso para ensandwichar os maridos que perdoam. A confraria dos eleitos (*sangho*) em que o boudhismo reúne os que fogem ás tentações do mundo «para entrar na octupla via sublime da libertação e da perfeição», quem póde dizer não fosse principalmente composta d'esses pobres esposos resignados? E se não, vejam os votos que é preciso fazer para ser d'ella.

...não matar nem violar, não tomar excitantes; viver em castidade absoluta; só tomar para si o que espontaneamente lhes fôr dado; fugir da dança e d'outros prazeres terrestres; abdicar de toda a vaidade, não usando unguentos nem aguas de cheiro; finalmente, evitar os leitos luxuosos, preferindo enxerga dura e baixa — que o mesmo é aconselhar, não é verdade? que passem a noite... de-baixo da cama.

Durante vinte seculos o catholicismo poude manter a familia n'um typo monogamo que a moral manteve intacto atravez milhares de cataclysmos. Esse typo, monopolizando a mulher a beneficio d'um só homem, deu de si uma associação cujo fim é a descendencia, que afinal a insolubilisa e perpetua. N'esta associação não ha para os associados, direitos eguaes, pelos menos na lei. O adulterio do



homem, que tem o nome de falta, é uma coisa corrente, explicando-se por «instinctos polygamos» — o adulterio da mulher considera-se um crime, e equipara-se ao roubo, com a estranheza de só soffrer castigo a mulher, coisa roubada, e nunca o amante ou seductor, que é em resumo, o unico ladrão.

Atravez a barbaria dos tempos veio o adulterio acompanhando todas as transformações do casamento. Tratado pelo garrote e pelo fogo nas epochas rigidas em que a familia, como emanção de Deus, bemerecia o galardão de inviolavel; tratado a madrigal e cartas de nobreza, quando principes e reis, poetas e vilões, perdido o medo, vieram na conclusão (hoje vulgar) de que só o prohibido é que tem gosto. E é este pouco mais ou menos o olhar com que hoje se olha.

A mulher dos outros póde ser mais sensaborona e feia do que a nossa, mas não podemos vê-la sem se nos afigurar bem mais picante. Os maridos das outras podem feder dos pés e ter só solércias de lacaios, que fartas de dormir c'o mesmo, alguma vez acabarão por os chamar. Dizem os psychologos: são as tendencias poly-

mas do macho. — Mas então a galantaria inata da femea?



Emquanto os recatos da educação e estreitezas da vida não consentem farrejo ás expansões da curiosidade, homem e mulher baixam a vista, transidos do peccado instinctivo

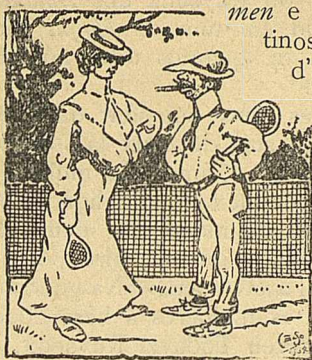
que os salteia. O primeiro que se atreve a afrontar de face as reprezalias sociaes da sua macula, insurge a confraria d'impolutos, que lhe vota o ostracismo, já sem firmeza entretanto

para o fazer crucificar na praça publica. O segundo já não revolta, escandalisa sómente a gente honrada—que todavia lhe começa a achar atenuantes. E da convivencia dos dois resulta discussão, explanações philosophicas do caso, que de grossa pouca vergonha passa á cathegoria de fenomeno psychico explicavel. Bem depressa são tres, quatro, uma duzia... Forma-se um club, cenaculos, opinião, jornaes e propaganda. Contam-se as primeiras anedoctas ao ouvido, paixonetas, *beguins*, enfim as satyriases malucas parciais de cada bico. A primeira salva de escandalos anuncia finalmente a vida nova; de concessão em concessão, a culpa, não digo se generalise, mas vae alargando a esphera d'influencia, o que, claro está, lhe faz perder a cathegoria de delicto, para surrateiramente lhe dar consensos de habito.

Nas sociedades humanas, a actual fase evolutiva caracteriza-se pela desintegração da familia, que como unidade social bancarotea—pois sexualmente não basta (está provado), e moralmente é um obstaculo ás modernas aspirações da vida libertária.

Por isso a vêmos se complicar de concubinato e d'adulterio, e ir passando sucessivamente á colectividade ou Estado, muitos dos pesados encargos que primitivamente eram só seus. D'esta bancarota teria nascido para o vicio uma liberdade d'ação fertil em debóches amaveis ou sinistros, conforme o grau de cynismo, conforto e situação social dos comparticpantes. Entre as gentes de povo, rotineiras por indole, tressuando hereditariedades religiosas, inda esse vicio lá tenta arremedar pela vida em comum do concubinato, *tant bien que mal*, a constituição da familia monogama. E' ainda o antigo sonho physecular de vida casta, pela necessidade de se ligar pra resistir...

Porém nas classes ricas e folgadas, (essa parte ociosa que vive nas capitaes e centros de luxo, de roda dos reis e das *cocottes*, gastando fortunas, em rondas d'impulsivos maniacos, d'onde se tiram os *sports*-



men e os *dandies* libertinos), já a função d'amar tem outra formula, unica atinente ao seu epicurismo mundano, e á sua animalidade anarchica e regressiva.

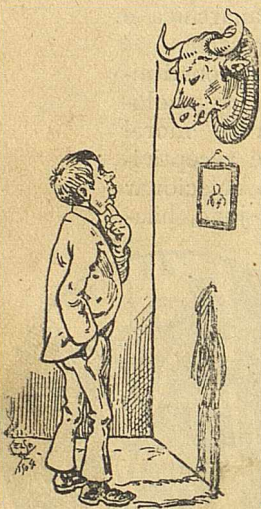
A constituição psychologica e moral d'este agregado, que pelos egoismos do ouro e receptividade em geral grosseira de sentidos, só pode colecionar prazeres de base fisica, sensações violentas de jogo, hilarancias d'alcool, orgasmos de copula, records de velocidade, agilidade e força bruta: a constituição psychologica e moral não lhe permite fixar-se em affectos duradores, em ternas adorações por creaturas que o seu coração escolhesse para transfigurações de sentimento; porque n'estes cerebros de paralyticos todo o trabalho d'attenção é um martyrio, todo o desejo, fugaz, como as idéas que antecedem e precedem esses desejos; o que lhes convem é variar, saltitar, viver descoordenado, longe de toda a noção d'equilibrio tranquillo, d'encerebração fecunda e d'energia inicial methodisada.



Por consequencia, como vida sentimental, o que lhes praz é uma prostituiçãozinha elegante, com bons involucros de seda, perfumaria ingleza, cuvas de banho em pedra d'alabastro — uma prostituição com o aperitivo do mystério, e até do perigo, e que a horas certas, dias certos, como uma purgação fisica, os desinflammes, e lhes permita retomarem os bons lazeres da vida, horas depois, sahindo dos *paraizos* sem voltar a cabeça, nem do corpo que deixam terem outra reminiscencia que não seja a do bom cheiro da roupa, e a do bom travo da carne viciosa.

O soliloquio do Ruyseux dos *Amants* (n'esta deliciosa comedia chorado em tom de *blague*) deve soar funebremente á orelha de quantos teem mulher tresmalhada em rodas pandegas.

— Il y a des gens qui sont destinés a être trompés toute leur vie, je suis de ceux là... » Elle teve os predicaos que chamam o amor da mulher, e o subjugam e prendem n'um complexo de fidelidade e adoração. Teve a beleza de moço, que é uma lisonja da carne, e vale a da mulher, oiro por oiro. Sem embargo — «il a été cocu!». Na guerra de 70 bateu-se, e para as mulheres a heroicidade é uma coisa irresistivel. Todavia Ruyseux, enquanto no hospital de sangue o concertavam, «a été cocu». E assim por diante, solteiro, casado, viuvo, sepulto, podre ou ressurcecto; de sorte que a cornadura lhe surge como uma aureola bicuspada que devem bemerecer todos os homens. Ora sendo este acontecimento, d'entre todas as coisas da vida, a mais certa, Ruyseux entende, «qu'il faudrait faire, dès l'adolescence, des exercices et des meditations sur le cocuage, comme on fait dans les couvents des exercices et des meditations sur la mort».



Alguns, e são os mais interessantes, encaram esta nova situação com verdadeira firmeza filosofica e admiravel doairo de bom humor. O marido da Leonor Telles andava em Castella com dois chavelhos d'oiro no boné. O cavalheiro de K (o leitor porá nomes, se quizer), que foi para o seu tempo homem d'espirito e jornalista de certa auctoridade, fazia gala de consentir á esposa, na propria casa, as afrontas que as mulheres dos outros infringiam com elle, a seus maridos. Perguntaram-lhe um dia onde morava.

— Rua da Achada.

— O numero?

— Isso não sei. Como entro sempre de costas e raspando...

— Que te parece o F.? dizia outro. Desde que não está com minha mulher, deixou de me falar.

Aqui, é ainda Ruyseux quem dá o tom:

— «Pois que todo o Paris sabe a conducta de minha mulher, parecer ignorar-o, é pueril, sobre acarretar suspeitas sobre mim. Gabar-me, por outro lado, é deploravel; de sorte que o unico meio de parecer bem, é constatar o facto ante pessoas escolhidas, sob uma forma jovial, e instalando entre Jorge Dandin e Otelo, um comodo *fauteuil*».

O actor X., natureza d'impulsos e fogachos, que antes de comediante fôra polytechnico, encontrou uma vez um camarada d'escola á porta do theatro.

— Sabes que me cazei com a Mariana?

O outro não sabia. — Mariana que?

— Uma que foi actriz nas Variedades.

Nova recusa do amigo em se lembrar.

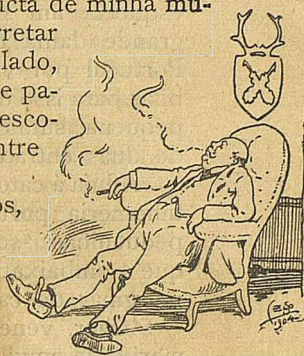
— A que trabalhou com a Soler, a que era comida nos *Filhos de Ugolino*...

Impossivel acordar de Mariana o menor rastro.

— Homem, grita-lhe o actor em argumento decisivo, a que esteve amigada com o Reis...

Viveu ha annos em Lisboa uma linda mulher, esposa de consul, por quem toda Lisboa aiava de paixão. Ella, d'um paiz onde a desinvoltura usa de realçar, via de regra, a gentileza, tinha em amor a reputação d'uma inexgotavel complacencia. Em não sei que baile é-lhe apresentado um cavalheiro, que passando rapido da galantaria respeitosa ás semi-cerimonias d'um cachondeio quasi insolente, taes palavras gosmou, de tão familiar dom-juanice fez praça, que a consuleza, impassivel, sómente um pouco palida do escandalo, disse para a dama de companhia:

— Miss Rower, lembra-se d'eu dormir alguma vez com este homem?



E aquella embaixatriz de grande potencia, caricaturista endiabrada... Madura como um fructo torpido e palus-

tre, exuberante e furiosa dos ultimos dias d'uma beleza que o embaixador, sob a respeitabilidade do cargo, esquecia um pouco nos salões, a grande dama tomara a si conquistar Portugal por via de favores. Fez mobilar para isso uma embaixadasinha mais pequena, sumida n'um predio dubio, e de duas entradas — como ella.

Aflua á catechése da melhor gentilheria portugueza, concitada a pequeninas «soirées», por bilhetes que a embaixatriz, eximia satyrista, usava marginar de caricaturas hilarantes.

«Cher, venez aujourd'hui. Mon cornichon de mari dine en ville ce soir. On donnera pour vous, dans le contract nuptial, des coups de canif...».

N'esses bilhetes o lapis da embaixatriz, feito de viboras torcidas, filtrava em admiraveis solturas d'irrespeito, todas as perfidias da femea vingativa; e a figura do embaixador e o brazão da grande potencia, flamulados ignobilmente de «cornichons» e symbolos de castração, misturavam suas féses á epopeia dos «coups de canif» no contracto nupcial, com uma pornographia candida e monstruosa, que dil-a-hieis exhumada de certos estercorearios frescos de Pompeia. Em breve esses convites da embaixatriz foram de mão em mão, bradando o escandalo pelas mil fauces da inconfidencia hypocrita e fouveira. Não sei como, um conhecido «sportman» descobriu entre os familiares de Messalina, um cavalição seu, que para logo confessou a intimidade, indicando como presente de nupcias, certa joia de gravata, que no meio do espanto geral começou a apparecer nos plastrons d'outros lacaios. E assim a pobre dama viu deturpado em uterino o furor diplomatico com que buscara ampliar relações entre paizes, e o seu caso apparecer no pasquim amarelo em que anualmente usam ser denunciados os escandalos da corte, por personagem que segundo parece faz retroceder as investigações policiaes.



— Entretanto, apressou-se a atenuar o medico filosofo, não vá V. julgar que toda a sociedade rica e regalona prevarique, e que historietas d'estas se contem de todos os lares e todas as pessoas. Mal do paiz se todo o fundo moral da raça abrisse rombos, e se do naufragio das crenças que até'gora escoravam as velhas sociedades, não subsistissem virtudes, e não sobrenadassem forças ainda masculas. Mas é evidente que tudo já sofre ou vae sofrer baldões de porcelas violentas, e que por bancarota filosofica e economica a era das transformações vertiginosas chegou. Vê-se que as tendencias polygamas do homem, e a cultura scientifica e os chamados direitos da mulher, tendem a transformar a concepção antiga do amor, n'outra mais larga, cuja consequencia será parecerem artificiaes certas ideias de fidelidade e pudor, que andam anexas. Sente-se que esta concepção nova e ainda não clara se denuncia já por um secreto mau estar na permanencia das relações sentimentaes entre os dois sexos, á proporção que falta ao amor a sanção religiosa, hoje sem credito, e a sanção moral em caminho de transformações revolucionarias, emquanto a sociologia avança, e as necessidades da vida se complicam. Sente-se que mercê d'estes abalos, a antiga noção da familia não é mais o agregado divino, unido e forte, sobre que fazer pezar a cupula dos mundos, e haverá mister de constituil-a em pedras solidas, e traçar-lhe um ambito atinente aos galgões d'essa nova e insofrida humanidade...

— E emquanto essas transformações insofridas não chegam, qual o remedio de resistir aos novos dissolventes?

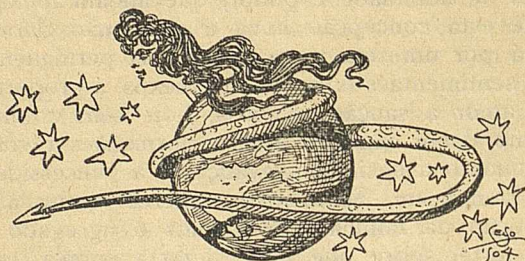
— Isolar preventivamente a gente sã, da pestiferada, afim d'ela viver em paz inda algum tempo. Abandonar o resto ao processo d'eliminação natural que ha seis mil annos renova o mundo, e victoriosamente faz brotar vidas da morte.

— Em resumo, que quer afinal V. provar com tudo isto ?

— Com tudo isto quero primeiro provar que vocemecê e os mais, precisam ter juízo, e em segundo lugar, que é com as nossas faltas de juízo que se fazem em geral os juízos do anno.

Dezembro de 1903.

FIALHO D'ALMEIDA.



Livro Prohibido

Juizo do anno

POR

Abundio Gomes

LIVRO PROIBIDO

— Juizo

do Anno,—

Pedem-me que dê, sobre o ano que vem, a minha opinião.

Podia, sem grande receio d'errar, afirmar que não terá juizo algum. Já o proximo passado foi assim, e o outro, atraz, tambem.

E' verdade que, como diz o Borda d'Agua — *Deus super omnia*.

Replicar-me-ia, por certo, o editor, que a minha perguiza me levára a fazer um trocadilho d'um acentuado mau gosto; que o meu nome não é bastante celebre para assinar uma necedade sem a desenvolver e encobrir com uma densa folhagem de rétorica.

E teria razão.

Sinto-me, porem, com pouco espirito profetico, e os deuses não costumam sair d'entre o fumo dos meus cigarros, para conversar comigo sobre os destinos dos homens e das coisas.

O templo de Delfos, tão afamado, jaz em ruinas, num campo aspero; as pitonisas já se não agitam, tocadas pelo mal sagrado; e Apólo, se lá aparece, é de fugida, a evitar maçadores. E' certo que ainda existem somnanbulas extralucidas, que proficientemente discorrem sobre os tempos idos e os que virão; mas o scepticismo a que se inclina o meu animo não me permite ter fé nas suas vagas profecias, que, por um acaso, saem sempre erradas.

Tenho pois que contar apenas comigo. Mas esses factos altos, que imprimem um cunho novo á face da terra, cataclismos cosmicos que fazem surgir ilhas rosadas do mar

azul, terramotos que derrubam tumultuosas e pecadoras cidades, andam marcados nas folhinhas pelos astrônomos, que se enganam quasi tanto como as mesdames de Thebes e mesdemoiselles Couesdon — sucursal parisiense do Arcanjo S. Gabriel, um luiz cada consulta!

Restar-me-ia falar das coisas do meu paiz, o rotativismo e a circunvalação, os caminhos de ferro infantis do snr. Gorrão — marca registada — que o Magiolo já vende por preços modicos e outros varios problemas transcendentales.

Suplicaria a Mercurio, mensageiro dos Deuses, Deus elle proprio dos ladrões, que pedisse a Minerva uma restea de saber.

Seria isso, porem, invadir os dominios dos meus esplendidos contemporaneos, que passam as noites a cogitar sobre os destinos da nação, roendo as unhas.

Poderia espraia-me sobre o theatro, mas o genio zombeteiro do visconde de S. Luiz Braga — em questões theatraes o visconde *super omnia!* — teria o maligno praser de transformar as minhas profecias. E o theatro portuguez parece que morreu, apesar dos herculeos esforços do snr. J. Dantas no *Paço de Veiros* e outras baterias sem repetição.

Sobre Arte e literatura recuso-me a ser entrevistado. Basta-me ter de falar nos quadros, estatuas e livros depois de expostos ao publico.

Parece que a vida da nação se concentra nisto — Hintze, sub-hintzes e Teixeiras-de-Sousa, comicos, analfabetos, tintas de imprensa e tintas de pintar, boiões e tubos, pedra de esculpir e pedra de atirar...

Neste instante sinto-me profundamente indifferente a tudo isto. A mesquinhez do meu cerebro alheia-me d'estas altas ideias com que a minha geração entretém a sua digestão e principalmente a sua fome.

Não, não me sinto profeta!

Pensei já em pedir ao theatro anormal um fato de judeu, dos que serviram no *Suave milagre*, para ter a ambiencia; a Teixeira Lopes as barbas biblicas, que tanto o aformosearão no quadro-vivo do Sporting: mas *helas!* como diria o Fialho, móro longe e é preciso escrever.

No meu gabinete de trabalho as gravuras e as flôres falam-me da vida grega e da vida d'hoje. Tenho um pequenino satiro, que ri, todo nú, no seu corpo de marfim velho,

e a Vitória de Samotracia que quer lançar pelo espaço o vôo sereno. As grandes rosas vermelhas desfolham-se aos poucos diante da reprodução da *Parisienne* de Antonio de La Gandara; num desenho de Sem, Jean Lorrain sorri, mostrando as mãos femininas, cheias d'aneis. Os grossos cigarros doirados do Cairo perfumam... O meu retrato por Columbano, ainda me faz mais moderno. Como poderei ser profeta?

Mas ali, sobre uma mesa, a fotografia da *Dauseuse* de Falguière, toda nua, sobre a brancura do marmore leves joias apenas, sugere falar da Mulher e da Moda.

Que melhor assunto poderia ocupar o meu espirito? Falar da Mulher e da sua graciosidade, das rendas e dos *chiffons*, pontos de Inglaterra e rendas do Burano, espumas de Malines e teias de Veneza! O encanto dessa flôrescencia leve e delicada, mais ligeira do que uma flôr, mais subtil do que uma anêmona, ao mesmo tempo sumptuosa comouma joia! Mãos ageis de rendeiras fazendo saltar os bilros, são como dedos de fadas a tecer, em teares d'ouro, mantos diafanos para os báti-sados...

“E” começo a pensar, que neste tempo em que os grandes costureiros são artistas — Worth e Redfern, creadores de floridos poemas — a moda poderia dar um grande salto para traz, e, já que chegou ás



mangas venezianas, deve recuar mais e resuscitar o péplo, as vestimentas leves, que, sobre a divina nudez dos corpos, punham uma graciosidade rara; como no tempo do Diretório, a mulher andaria livre nos seus movimentos, os pés com sandalias, chamando os desejos e as admirações.

Não quero a nudez augusta dos tempos primitivos em que o pudôr ainda não inventára a primeira folha de vinha; perder-se-ia todo o misterio das formas que se adivinham, o encanto de querer precisar uma curva levemente indicada entre as dobras duma exome leve que uma fibula gemada prende, sobre o hombro.

Diz Bossuet que é tolo aquele que crê facilmente no que deseja. Deixal-o dizer. *Quod capita, tot sensus*. São felizes aqueles que vivem da illusão. Deixemos a alma confiada a construir no ar monumentaes castélos, arquear as pontes, afilar as torres, rasgar as janélas, encher de lumes os salões em que deslissam, num passo musical, as Donas perfeitas, entre flôres.

E' bom sair da Vida, pôr de parte a camisa de forças da Logica que nos oprime como um jugo, e seguir pela fantasia, num barco veloz, com velas de seda, rosas em grinaldas e festões de alegre-campo, e boiar sem leme, ao sabor da corrente, quite por um naufragio, d'onde nascem sempre forças novas para viagens encantadas, melhores das que fez o atilado Odysseus, o mais velhaco dos gregos.

E esse Odysseus viu terras maravilhosas; numa ilha cheia de sombras densas e de regatos claros, uma deusa se enamorou d'elle. No leito precioso, conheceu o praser de sentir os braços alvos de Calypso a apertar-lhe o peito forte de guerreiro. Conheceu Nausicaa, a princesa adolescente, que ia lavar-se, com suas companheiras, num rio transparente, d'areias doiradas. Conheceu homens monstruosos que tinham um só olho á flôr da testa, outros que se alimentavam com o lotus azul. Viu mares em procela, que Poseidon agitava com o tridente esverdeado; conheceu os delfins veloses; escutou, amarrado ao mastro do navio, o canto das sereias, de fartas comas; os ceus de lua, os ceus de borrasca, tudo viu o heroe prudente.

A nossa fantasia, porem, vae mais alto. O navio leva bandeiras que ondulam, numa risada festiva. Do seio das ondas nascem Anfitrites, no leito dos rios aparecem, ro-

sadas, as Nausicaas, e se acaso surge Circe com seus funestos poderes, os lotófagos ensinam-os a viver, comendo flôres...

E' por isso que confio muito no ano que vem. Ano a ano Lisboa melhora como elegancia de *toilettes*. Se a cidade cada vez mais se afeia, mercê da ignorancia d'uns, ganancia d'outros e relaxação de todos, os lares vão-se aformoseando e as mulheres aprendendo a faser valer os encantos e esconder os defeitos. Cria-se o amor pelas flôres. Na Praça da Figueira o commercio de flôres é importante. Lembro-me, de, ha alguns mezes, ter lá ido de manhã cedo, depois d'um baile. Era no tempo dos lilazes. Por sobre as mesas os lilazes brancos, os roxos, e certos que parecem convalescentes, tinham a frescura risinha d'uma creança. As côres fortes das hortaliças, os tomates sangrentos, os porcos abertos ás portas dos açougues, davam um ar brutal á praça, com que se casavam o ruido, o movimento dos vendedores e das creadas em compras. Mas os lilazes faziam perder o plebeismo ao vasto e tumultuoso recinto.

Ligeiros como uma renda, perfumados, lembram sonhos Saxês, tão finos e tão tremulos...

Tinham compradores que os levavam em grandes brachadas, para enfeitar jarras.



Não é só nos dias de festa que se compram flôres; o comércio não consiste só nos ramos que se oferecem em aniversarios; todos teem nas mezas onde ha dez anos ainda se empoeiravam ramos de papel, o riso fresco d'uma rosa, a palpitação d'um ramo de cravos vermelhos.

No outono, os crisantemos ornão os centros-de-mesa, mesmo nas escadas debruçam-se eles, dos vasos chinezes. Ha em toda a gente um grande amôr pelas flôres, pelas plantas, pela vida bela dentro do lar, que ha pouco tempo era em geral hostile.

Nas paredes já se não põem, devidamente encaixilhadas, as cartas de bacharel ou o diploma de socio da Geografia: gravuras finas que Goupil edita, manchas dos *hors-textes* de *The Studio*, heliogravuras reproduzindo Almas Taddemas, Rembrandts, fotografias de quadros de Ticiano e dos mestres de escola de Madrid, mais apreciados do que as eternas *Assunções* de Murillo, fatigantes pela demasiada vulgarisação.

As mobílias vão perdendo o ar carrancudo e gordo que d'antes tinham. Ficam nos reconditos dos armazens as poltronas que pareciam sofrer de elephantiasis, tanto engrossavam por todos os lados em veludos e burletes, não havendo meio de se acolher a elas o nosso corpo cansado. E quem vê as redomas com os tristes ramilhetes artificiaes, realmente mortos?

Se alguém adquire, por economia ou extravagancia, flôres artificiaes para ornamentação de suas salas, escolhe-as com a apparencia de vida, irregulares. Só nos altares das egrejas *desservies* por gente ignara, se perfilam em escadaria esses espalmados mostrengos, producto seco dos ocios de velhas mirradas, confeitadas em carolice.

Tratando do lar, para encanto ou atração do marido, do amante ou dos filhos, a mulher que é hoje a Deusa Penate, cuidava tambem de si — ó muito pouco! — apenas quando saía ou ia á sala receber visitas.

— Uma maçada, minha filha, não largaram um instante o cordão da campainha! gemia ella, entre flatos que o espartilho de baleia, pouco usado, provocava.

Hoje qualquer de mediana sociedade, faz a *toilette* de manhã e a da tarde, pelo menos. Qualquer visita encontra-a penteada e arranjada e não tem que esperar horas infinda-

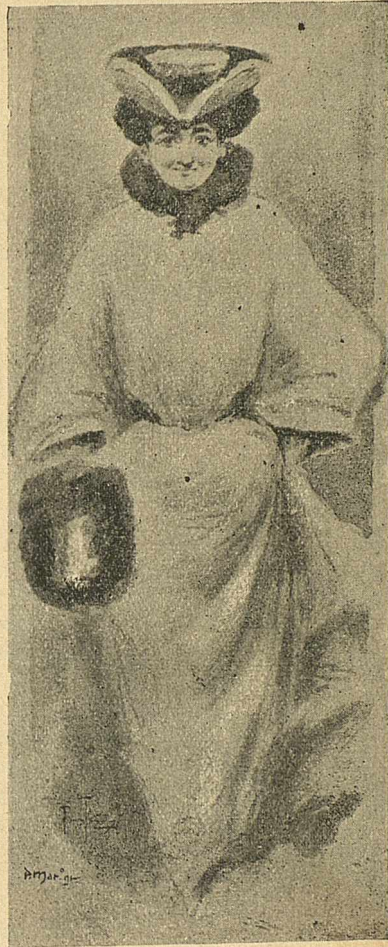
veis, a percorrer os albuns com grotescas personagens e os *Souvenirs* da Exposição de Paris e outras, para a vêr surgir afogueada, ainda a apertar os ultimos colchetes.

Na sala do jantar, afóra as flôres, as toalhas finas, os cristaes e as luzes, a moda francesa, leve, de sbancou a succulenta cosinha portugueza. Já não veem á mesa as grossas peças, para o dono da casa ver o convidado de categoria trincar com ritos religiosos; os pratos enfeitados substituíram os grandes leitões, cuja cabeça se cortava com um prato, destramente, como ainda se faz na Beira, nesses festins que Gargantua não despresaria.

— «Dize-me o que comes, saberei o que pensas», afirmava alguém.

Das comidas leves vieram as degestões faceis, as ideias risornhas. Já se não engorda tanto. Os ventres deixaram de tomar a proeminencia vaidosa sobre os seios, que por seu turno não se afirmam insolentes, em ares de misulas.

Nas ruas, todos os dias, vemos senhoras desconhecidas, elegantemente trajadas. Não é só na gente da côrte, onde a elegancia foi uma tradição ininterrupta, mesmo nos tempos do snr. D. João VI, de bem suja memoria. E' a burguezia media, que se veste bem: sabe escolher as fasendas e os modelos e ageitar nos seus corpos os vestidos bem talhados. Amieiro, não contente com o vestir com elegancia e simplicidade os homens, trouxe de Paris uma d'essas fadas que tecem tunicas para as senhoras. Outras costureiras teem *premières pari-*



sienses que fazem maravilhosas coisas. O veludo, o sumptuoso, o rastacueiro, deram o lugar, vencidos, ás coisas lindas, simples, que não tiram o modelado aos corpos.



Muitas senhoras vão vestir-se a Paris, todos os anos. No Chiado, na Avenida, nas recitas de S. Carlos e nas das companhias estrangeiras do D. Amelia, nos *five-o'clock-teas* do Marques, pontos em que se reúne tudo o que ha de verdadeiramente *sweet*, o podre de chic, o *dessus-du-panier*, autenticos elegantes e gente com furia de notoriedade, tudo que tem um nome—o *Carnet mondain* das «Novidades»—ou que o deseja ter—tudo se mostra em vestidos bem talhados, chapéus graciosos sobre os cabellos sabiamente penteados.

Já não é o brilho das grandes pedrarias, gemas de nababo, colares de cocote ou de brasileira de torna-viagem que prendem as atenções, que tomam d'assalto o nosso desejo. Não é a nota do banco cristalisada em pedra preciosa: é a maneira de trazer as coisas simples e elegantes, é o gosto inglez a imprimir-se no nosso character, a dar-nos um feitiço civilizado e artistico.

O leitor tem-as visto. Encostese á Havanesa, debruce-se a uma da janelas das *Novidades*, do *Turf*, do *Tauromachico* ou da redacção

do *Dia*; faça sentinela defronte do palacio Ouguella e velas-ha passar ligeiras como aves, cheias de graciosidade, mostrando no sorriso os labios frescos, nos olhos o contentamento por serem formosas e admiradas.

Reparará em algumas :

Como uma morena flôr orgulhosa, desce o Chiado. O seu corpo esbelto é todo em curvas suaves, apesar da quasi magestade do porte. Não é a elegancia franceza e familiar, feita de *dessous*. E' o corpo d'uma deusa entrajada á moderna, simples. Os olhos negros teem o poder dos filtros que as bruxas compõem, ao luar, com hervas escolhidas. Caminha, serena, vagarosa, impassivel diante de tanta admiração que sae dos nossos olhos e dos nossos labios, de todo o desejo, que a rodeia e persegue. A arte difficil de *pisar*, possue-a absolutamente. E desce real e maravilhosa, mostrando o pé bem calçado, comprido e fino. A cabelleira preta põe-lhe uma mancha negra sob o chapéu. E depois de passar e de se ter perdido na multidão, ainda ficam os nossos olhos tão cheios d'ela, que a vemos por toda a parte.

Todo o seu encanto, o perturbante encanto que exala a sua figura pequenina e agil, se quintessenceia na face de perola, onde dois largos olhos escuros teem uma vida intensa e a bocca enigmatica, sorri sempre, como as das mulheres deVinci, sem saber-se ao certo o que diz o seu sorriso.

Em todos os detalhes das ua *toilette* ha uma nota preciosa, a personalidade.

Aquela, graciosa e ligeira como uma anemona. Parece que de pétalas d'anemona são feitos os seus vestidos, leves, que sobre o seu corpo devem ter o orgulho de guardar tanta elegancia. O seu passo é apressado e miudo. Seus olhos negros e pequenos, fogem dos



nossos olhos, na face branca. E todo o corpo tem a curva e a *souplesse* d'um pescoço de cisne, não chamando o desejo cego de violar, mas apenas a tentação de ajoelhar ante ella e beijar o debrum de sua saia.

Outras vão passando, a pé, em carruagens brilhantes, em trens de praça desconjuntados.

E para todas elas se voltarão os vossos olhos, leitores, cada uma d'ellas levará um pouco da vossa alma e do vosso desejo, lançará no vosso espirito a perturbação.

Creaturas de Deus, quem as fez diabolicas?

A Moda e o Enfeite.

Quando saiu das mãos do Creador, pura, graciosa e forte, a mulher agradou ao homem; foi amada, e do coração ainda confuso do primeiro homem brilhou a primeira chama, perfumou a primeira rosa...

Mas os tempos correram. Outras mulheres e outros homens nasceram; e, pela creatura simples e candida, o homem não sentiu o mesmo entusiasmo: começou a fugir-lhe, a buscar na caça, no talhar das pedras, occupações do seu corpo e entretenimento do seu espirito.

Então a mulher inventou, talvez candidamente ainda, o Enfeite.

Os homens gostaram; em vez de sair em correrias atravez os campos a golpear os animaes fugitivos, alguns ficaram a descobrir novos enfeites, talhes de tunicas, rendas, joias, combinações de côres...

E assim o corpo da mulher que d'antes tinha em si o principal encanto, foi-se cobrindo de tecidos que juntaram á sua elegancia uma graça nova, de gemas mais brilhantes do que os seus olhos, novas seducções reunidas á sedução natural.

Ela estudou a attitude: soube levar pelas tardes quietas e doiradas, com esbeltez, a anfora leve á fonte, fazendo com o braço uma curva airosa; estudou a maneira de se sentar de forma que o busto, firme, erecto, lembrasse uma estatua bela; aproveitou as harpas e os alaúdes, para encantar pelo som e pela attitude; experimentou a cõr de fita e do péplo; ensaiou o franzido das dobras do seu manto, o decote das exomes e a maneira mais elegante de apertar as

fitas das sandalias sem perturbar a finura dos tornozellos brancos; soube, enfim, fazer-se mais bela, mais apetecida. Foi além: artista, pintora e esculptora, tingiu os cabelos, para que a sua cabeça parecesse uma rosa d'oiro; abriu os olhos com antimonio, ensanguentou mais os labios, compastas aromaticas, descobriu o perfume, que é mais do que um poema, mais do que uma estatua, mais do que uma sinfonia, porque sugere tudo, faz ver um mundo novo, com soes mais claros, figuras mais belas: inventou o perfume e untou-se de oleos. As gregas polvilhavam de essencia de alfazema os cabellos sabiamente pintados, perfumavam com oleo de palmeira as faces, o mento acariciou-lhe os braços. Estér, quatorze mezes viveu mergulhada em finas essencias' tratado o seu corpo por mãos de aromatisadores.

Pintaram de rosa brilhante as unhas cortadas em amendoa, fizeram do seu corpo, um corpo belo e impecavel, ideal; pela perfeição de linhas, pela plastica surpreendente das atitudes conscienciosamente estudadas e pela côr, emendaram a natureza inconsciente.

E essas japonezas minúsculas e doces, doiraram os dentes para serem mais belas, para chamar o beijo errante do amoroso noivo.

Para que fosse maior a euritemia do corpo, inventaram a dança, serena, em atitudes encantadoras, capitosas como um vinho velho, ligeiras como a gaze e a renda, suavissimos de ver e de entender, crotalos nos pés, flautas duplas na boca, a gemer. E para que continuamente o corpo tivesse uma apparencia séria de encanto novo, entronisaram a Moda, creadora fecunda de graciosidades, que



muda as feições, afina o corte doce dos corpos e faz do enfeite uma sciencia complicada e soberba.

Todo este trabalho da mulher, inventando, aperfeiçoando, empregando meios artificiaes para engrandecer e purificar a sua beleza, para esconder defeitos que á estética repugnam, é o caridoso, o altruista esforço para a perfeição, que os nossos olhos cansados gosam.

Para que censurar essa arte, apreciavel como qualquer outra, que ratifica a natureza, se nós todos somos interessados, pelo prazer dos olhos que a seguem, artificial, mais bela, policroma estatua animada que se cobre de flores, flôr ela mesma, que se veste de perfumes, ela mesma um perfume?

Porque não abençoar aquelas que cuidam dos vestidos para ser mais elegantes, passam interminaveis horas para compôr os cabelos, colocar um ramo de flores, ageitar uma renda, e saudal-as, com o olhar commovido:— Bemdita sejaes vós entre as mulheres?

Mulheres do meu paiz, ide buscar ao artifício a beleza que vos falte; belezas de droguista, passae e perfumae, lindas e supremamente graciosas, grandes flores de carne a deslisar sobre o asfalto como um sonho de côr e de fórma!

Resumindo:

O meu Juizo do Ano, feito mais conforme aos meus desejos do que em discipulo do Bandarra, para que me sinto avesso, é que as mulheres se farão mais lindas, terão vestidos que lhes aumentem os encantos e, se fôr possível, serão menos crueis.

ABUNDIO GOMES.

Pre-Juizo d'um Anno

OU

UM ANNO DE PREJUIZOS

(JUÍZO DO ANNO Á LAIA DE REVISTA)

Prosa e verso da lavra de

EMPENHO JUNIOR

ANTIGO ALUNNO LAUREADO DO CURSO INFERIOR DE LETRÁS

com a valiosa collaboração da

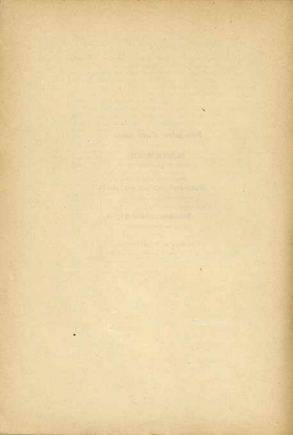
Illustre Tesoura da Bastilha da Estrella

e um epílogo, muitíssimo moral,

por

Manoel Penteado

(Um dos novos de maior talento, BREVETÉ—S. G. D.G.)



Onde ninguém t'empere, a ninguém damnas !

Antonio Ferreira — SONETOS.

PROLOGO

ÁS DUAS TESOURAS

FIGURAS DO PROLOGO

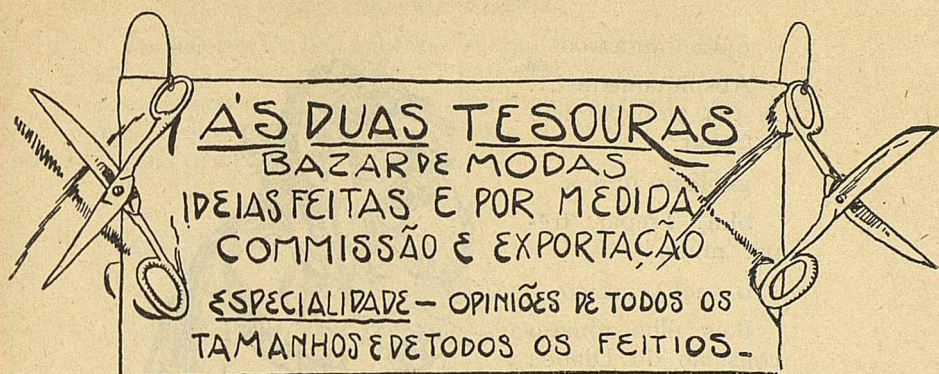
EMPENHO JUNIOR — auctor da revista ; portuguezinho valente.

O ARCHANGELICO PRINCIPE DAS TREVAS — seu padrinho.
Creatura derreada, cheia d'experiencia e roída de males.

ZÉ CLEMENTE — Zé Pagante, Zé dos Anzóes, Zé «Deixa andar corra o marfim», — dono do Bazar «*As duas Tesouras*».

DITOSA PATRIA — mendiga.

O CORREGEDOR — garantia das instituições ; Senhor da Bastilha da Estrella ; proprietario d'uma quinta, por nome —
Timor.



E' esta, tal e qual, a taboleta do grande armazem que a scena representa, n'uma fachada polychroma, arcoirizada como as portas d'uma drogaria.

(No interior, n'uma obscuridade favoravel á fraude, em prateleiras sobrepostas, uma multidão de fantoches, á tôa, n'uma promiscuidade terrivel de ver...)

O ARCHANGELICO E EMPENHO JUNIOR, como por acaso, apparecem em scena.

O ARCHANGELICO

E' aqui.

EMPENHO JUNIOR, soletando

O-pi-ni-ões... Julgas indispensavel?

O ARCHANGELICO

Absolutamente!...
A tua ambição não
é trepar?

EMPENHO JUNIOR

Sim! Tregar, tre-
par muito!

O ARCHANGELICO

Pois, filho, tóma o
conselho do Diabo:
agarra-te ás ideias!...
Ter ideias n'uma terra
em que ninguém as
tem, é o mesmo que
multiplicar pernas e
braços para subir...
Tens ideias?



EMPENHO JUNIOR

Esta de tregar, não basta?

O ARCHANGELICO

Hoje, chama-se-lhe ideal... Idea é
outra coisa. Entra e saberás... Aqui,
ha-as de todas as côres e de todos
os preços...

EMPENHO JUNIOR

Pois entremos.

*DITOSA PATRIA, á porta, tomando-lhes o passo,
n'uma cantilena choramigada*

O' meu rico bemfeitor, pela saúde
da sua senhora e dos seus meninos,
dê uma esmolinha a esta pobre des-
graçadinha, que não come ha tres
dias...

EMPENHO JUNIOR

Não come ha tres dias?!



O ARCHANGELICO, *puxando-o*

Tenha paciência, mulher. A policia bem podia olhar para esta exploração... E' uma desvergonhada, ladra e bebedia. Anda aqui a chorar-se e sustenta vadios. Toma um conselho: pobres, corre com elles! E' um principio de hygiene...

EMPENHO JUNIOR

Mas ella está prenhe!

O ARCHANGELICO

Está sempre! Tem ninhadas successivas.

EMPENHO JUNIOR

Filhos da Patria?

O ARCHANGELICO

Não. D'antes, chamavam-lhes *Luziadas*. Agora, são os paes da Patria...

EMPENHO JUNIOR

Geração espontanea?

O ARCHANGELICO

Não, filho. Téem pae, como toda a gente... Quasi sempre é o Mariano. Mas engeita-os na Misericordia... De modo que, no livro de baptismo, apresentam-se como paes de si proprios, coitadinhos...

Entram no bazar

O ARCHANGELICO, *apontando «Zé Clemente» que resona, de bôrco, sobre o balcão, sonhando com as «armas e os barões assignalados»*

Tem a doença do somno! Ha quatro seculos que dorme ... *(batendo palmas)*.

ZÉ CLEMENTE, *accorda estremunhado*

Que é?



O ARCHANGELICO

Ora viva!... Trago-lhe a nata dos freguezes. O amigo Empenho Junior, empenhado na realisação d'uma revista, vem pedir-lhe figurinos...

ZÉ CLEMENTE

Pois veio bater a bôa porta: temos um optimo sortimento... Vou mostrar-lhe os bonecos. (*Começa tirando os figurinos das prateleiras e apresenta-os a Empenho Junior*)— Ora, aqui tem todas as opiniões do tempo, classificadas por ordem de datas, mais ou menos á moda, com as côres correspondentes...

EMPENHO JUNIOR

E são garantidas?

ZÉ CLEMENTE

V. s.^a está a caçoar!... A garantia foi uma invenção dos relojoeiros...

O ARCHANGELICO

N'este genero de commercio não póde affiançar-se a mercadoria. A côr mais fixa, desbota.

EMPENHO JUNIOR

A loja, na verdade, parece um arco da velha.

ZÉ CLEMENTE

Parece e é. Cada idéa que V. s.^a aqui vê, é uma idéa do arco da velha.

EMPENHO JUNIOR

E esses bonecos?

ZÉ CLEMENTE

São os manequins das idéas, para commodidade d'exposição..., para o effeito da roupa que vestem...

EMPENHO JUNIOR

Ahi está uma bôa idéa!

ZÉ CLEMENTE

Não é nossa. E' uso de Paris.

O ARCHANGELICO

Amigo, de lá véem todas.

EMPENHO JUNIOR, *examinando as figurinhas*

Oh! que bella attitude! Que gravidade!... O que é?

ZÉ CLEMENTE

E' o partido catholico.

EMPENHO JUNIOR

E não está de joelhos?

O ARCHANGELICO

Não, por causa das joelheiras nas calças... Em politica, mesmo os catholicos não podem tel-as...

ZÉ CLEMENTE

A fazenda é nacional, mas fabricada por processos francezes. Aqui tem a marca:— «Pombal e Filhos»—e a corôa de marquez. Estão trabalhando com muito asseio...

EMPENHO JUNIOR

Deve rassar-se muito.. (*passando a outro fantoche*)—E este?

ZÉ CLEMENTE

Isto é «pelle do diabo», com perdão do senhor Archangelico. Faz quatro vistas: duas pelo direito,—uma com pêllo e outra sem pêllo; depois vira-se e faz outras duas vistas,—com pêllo e sem pêllo. Fornecemos aqui um fato ao sr. Fuschini e ainda lhe dura. Só agora é que começa a estar coçado nos cotovellos...

O ARCHANGELICO

E já levou fundilhos... na coligação. Não te serve, meu amigo.





EMPENHO JUNIOR, *deitando a mão a um titere*

E isto?

ZÉ CLEMENTE

E' a côr da moda: pêllo de toupeira.

O ARCHANGELICO

Não é de grande duração. E' côr para *leader*. Com um collète-fantasia, genero tapete d'Arrayolos, vae a matar.

EMPENHO JUNIOR

A fazenda parece muito captiva ás nodoas...

ZÉ CLEMENTE

Mas tem aqui a benzina!

EMPENHO JUNIOR, *mirando o frasco que lhe apresentam*

Um frasquinho de sobre-casaca e muletas?

ZÉ CLEMENTE

E' S. ex.^a o prestigioso. Representa uma idéa-chefe.

ARCHANGELICO, *interpretando o olhar de Empenho Junior*

Escusas de procurar:— não ha outro!... Eleições, luneta e perdigotos... Alcatruz da nóra rotativa da Patria. Tem um aforismo celebre. E' este: «ainda sem cabeça, vá; mas sem pernas não se governa Portugal...»



EMPENHO JUNIOR

E porque lhe chamam benzina?

O ARCHANGELICO

Porque já serviu ao Hintze para desengordurar o Arroyo...

ZÉ CLEMENTE

Tem aqui, no mesmo panno, outros feitios que talvez lhe agradem.

EMPENHO JUNIOR, *examinando attentamente os tres bonifrates*

Estes tres?

O ARCHANGELICO

E' a triplice alliança progressista. Um tercetto no grão-ducado de Gerolstein... Aqui tens o principe Cornelio Gil, o barão Puck e o general Boum.

ZÉ CLEMENTE

Nós cá dizemos: o Gorduras, o Tesuras e o Finuras.

EMPENHO JUNIOR

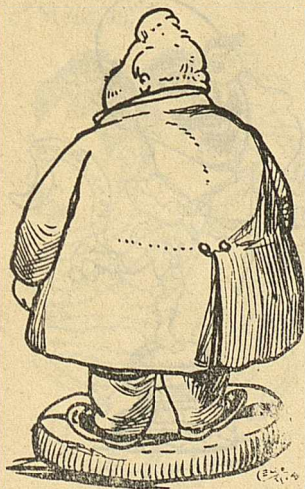
Já percebi: Cocó, Reineta e Facada...

O ARCHANGELICO, *apontando-lhe outros manipaños*

Tens ali o contra-veneno!

EMPENHO JUNIOR

Aquelles d'aspecto carrancudo?



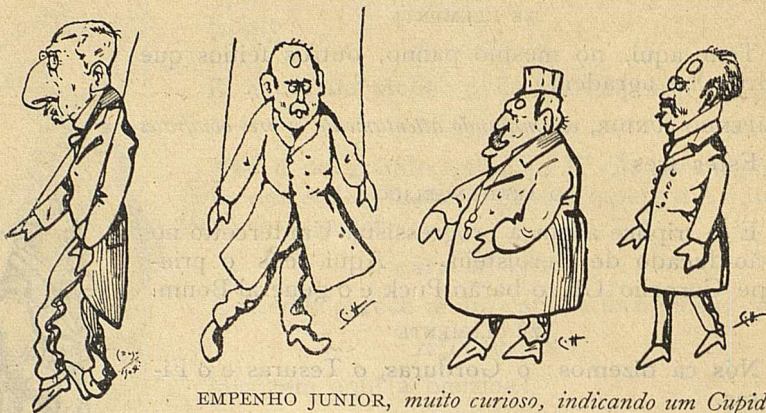
ZÉ CLEMENTE

São os batibarbas.

O ARCHANGELICO

Políticos *vieux-jeu*. Conselheiro Accacio dos pés á cabeça. A eterna historia d'umas arterias esclerosadas e d'um cerebro que se fossilisa.





EMPENHO JUNIOR, muito curioso, indicando um Cupido de pau preto

E esse anjo?

ZÉ CLEMENTE

Diz V. s.^a muito bem. E' o verdadeiro anjo da guarda. Já me salvou a pelle de tres penhoras. E' marquez...

O ARCHANGELICO

Chamam-lhe o marquez da Salvação.

EMPENHO JUNIOR

E que ideia representa?

O ARCHANGELICO

O amor: «Honni soit qui mal y pense».

EMPENHO JUNIOR

E esse tão direitinho?

ZÉ CLEMENTE

Este é princez...



O ARCHANGELICO

«*L'homme qui ne rit pas*» — Como vês está entre a Belleza e a Força. Belleza de pêra e Força de gazosa. Está vestido d'uma roupa especial: a precipua responsabilidade em fatiota «será possível»...

ZÉ CLEMENTE

V. s.^a tem aqui um outro muito mais á moda.

EMPENHO JUNIOR, *examinando o fantoche*

Como se chama?

ZÉ CLEMENTE

São João Baptista das Economias. E' o Fervilha, o Messias.

O ARCHANGELICO

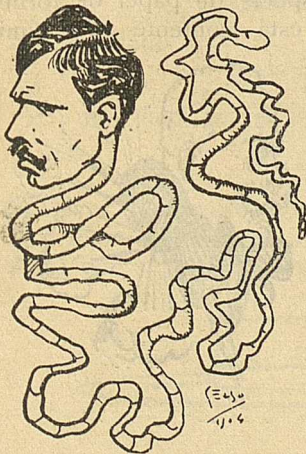
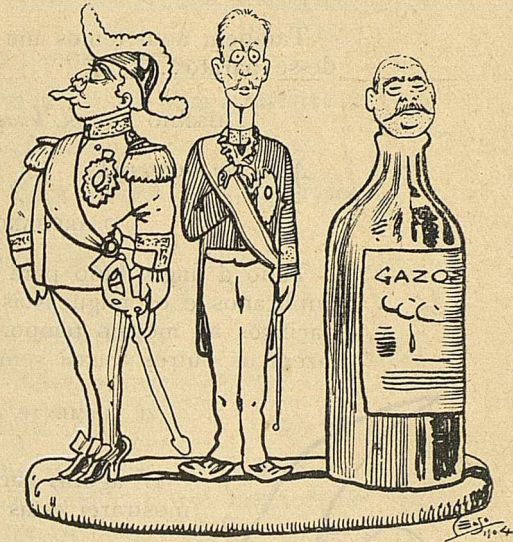
E' a tenia do Hintze. O salvador da rua da Emenda.

EMPENHO JUNIOR

E a rua, ao menos, emendou-o?

O ARCHANGELICO, *como quem não ouz*e

Proclama liberdades, mas pede um novo ventre para se instalar, — o do paiz.



ZÉ CLEMENTE

Tambem aqui temos um caixote de sucata. Ven-
de-se barato...

EMPENHO JUNIOR, lendo o distico da tampa

Noli me tangere!

O ARCHANGELICO

Tudo a fingir, tudo para inglez ver... São os re-
publicanos e os miguelistas. Muito radicaes e muito
pacificos ao mesmo tempo. D'esta massa é que se
fazem os outros, quasi sempre!

ZÉ CLEMENTE, tirando dois monos de sob
o balcão

E agora, para terminar, sempre lhe
mostrarei estas duas reliquias...

EMPENHO JUNIOR

Oh! a admiravel pêra!

O ARCHANGELICO

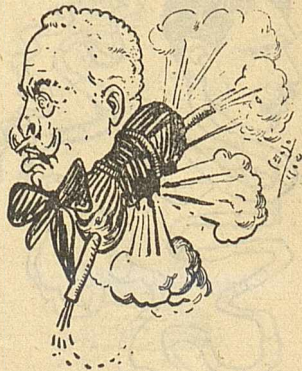
E' uma especie de papel de torne-
sol. Nunca está contente esta almi-
nha... Ora ver-
melho, ora
azul...

EMPENHO JUNIOR

E este tão de-
decorativo?

O ARCHANGELICO

E' o general Laracha.
Especie de bomba de pa-
taco da governação. Faz
grande mijarete, promette



estoiro d'arromba e, no fim de contas, sae-se com laracheira...

EMPENHO JUNIOR, *indeciso*

E afinal, não sei que ideias leve para a revista...

ZÉ CLEMENTE

Quer um conselho? Faça como o Schwalbach: leve-as sortidas.

EMPENHO JUNIOR

E os preços?

ZÉ CLEMENTE

São eguaes. Valem todas o mesmo.

EMPENHO JUNIOR

Pois bem. Mande-me de todas... Aqui tem o meu cartão: «Empenho Junior, Curso Inferior de Letras, Lisboa»... (*para Archangelico*) Vamos, padrinho?

O ARCHANGELICO

E compadre? Tu não tens compadre para a revista!

EMPENHO JUNIOR

E' verdade.

O ARCHANGELICO

E' uma falta gravissima!

ZÉ CLEMENTE

Talvez se arranje tudo... (*Com grande mysterio, saca d'um armario um enorme chapeo, d'aba larga*) Aqui tem o compadre para a peça!



EMPENHO JUNIOR

Um *Mazzantini*?

O ARCHANGELICO

Optimo! Isto não é chapeo, é um symbolo, meu amigo. N'esta copa alta e n'esta aba larga tens a tua terra inteirinha. Outr'ora, isto foi corôa gloriosa... Acabaram-se conquistas, extinguiram-se imperios, perdeu-se a vergonha, desarvorou o Brazil, as cabeças fizeram-se leves e os ventres tornaram-se pesados... Foi necessario inventar isto: a aba larga para proteger a somneca e a copa leve para não doer a consciencia... Amigo, é um esplendido compadre!... Com isto consegue-se tudo em Portugal!

O CORREGEDOR, *saindo d'um alçapão, á maneira de diabo de magica, por entre labaredas*

Para traz, *misaraveis*!EMPENHO JUNIOR, *recuando, transido de terror*

Quem és tu?

O CORREGEDOR, *com voz cava*

Chamam-me o Manique dos Trombones! Sou o Neptuno do peixe espada!... Larga o chapeo ou vaes até Timor...

EMPENHO JUNIOR, *apavorado*

Timor?... Isso nunca!... Ainda se fosse para Pekim como o Zé das Botas... Tome lá o *Mazzantini*, seu Clemente: aferrolhe-o bem... Guarde-o muito bem... Guarde-o para amendoas!... Viva!... Vamos, padrinho!

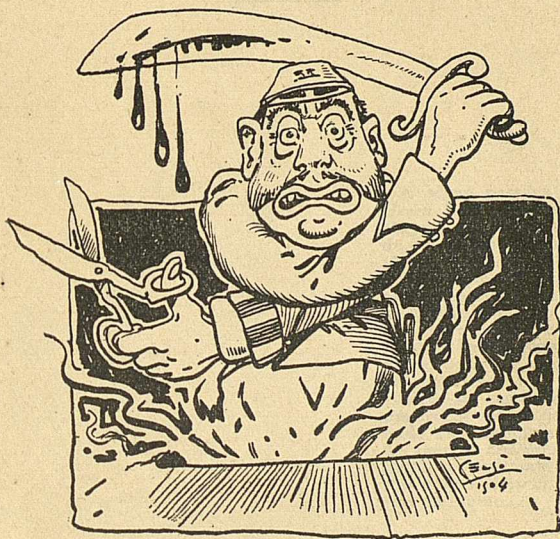
Empenho Junior e o Archangelico saem precipitadamente

O CORREGEDOR, *bufando, n'um gesto terrível ao publico*

São as *ordens* que tenho!... Raios os partam!

*Sóme-se para as profundas da terra, deixando na sala um grande
aroma sulphydrico, que os espectadores apreciam, deliciados,
como se aspirassem nardos.*

MUTAÇÃO



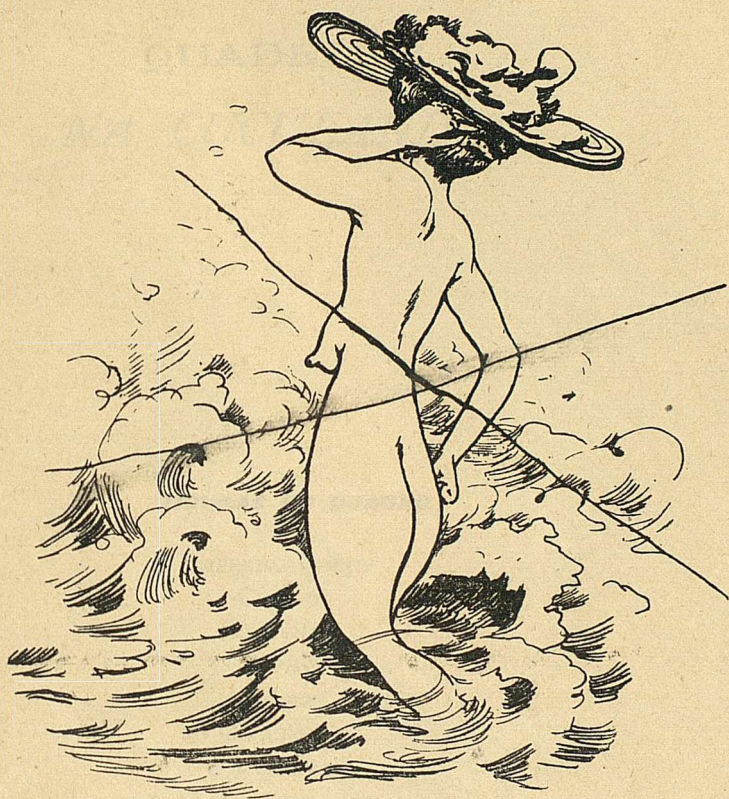
QUADRO I

SUA Magestade A MODA

(Quadro que a Bastilha mandou queimar)

A scena passava-se no *Green Flirt Park* de Sua Magestade a Moda. Ao fundo, via-se o sol, levantado tẽ os peitos, tomando posse dos outeiros, como quem se quer senhorear da terra, na phrase singella do lyrico Bernardim. Perto da ribalta, coisas passavam, muito de irritar virgindades policiaes.

Serve-se, para amostra, um trecho breve do lago, onde uma deliciosa naiade, «genero *tailleur*», mergulha o inestimavel sexo. Foi o que escapou às fúrias do Plutão...





QUADRO II
NA CUCULANDIA

FIGURAS DO QUADRO

EMPENHO JUNIOR

CUPIDO

O ECHO

O ZEPHYRO

A LUA

O CUCULANDEZ

UM GUARDA

O COMMENDADOR

UM MUSICO

POETAS, CUCULANDEZES E CUCULANDEZAS, GUARDAS, ETC.

QUARTO DI

MEZZO DI

LIBRO DI

LIBRO DI

LIBRO DI

LIBRO DI

LIBRO DI

LIBRO DI

LIBRO DI

LIBRO DI

LIBRO DI

LIBRO DI

QUADRO II

NA CUCULANDIA

(Terra que não está no mappa e que, por si só, é um «mappa mundi»)

Paraizo do Amor. — Septimo ceu da bemaventurança. — Retiro do supremo extase. — Paiz que os navegadores do seculo XV se esqueceram de descobrir. — Luz crepuscular, diaphana, socegada e harmonica. — Arvores floridas, cheias de mysterio, de sombra e de perfumes. — Começam a abrir, espreguiçando-se, nenuphars de prata e magnolias de jaspe. — As estrellas, a medo, tremeluzem gelidas. — Nos lagos, coaxam rãs...

EMPENHO JÚNIOR, *apparecendo por acaso, como costuma*

E' aqui... Terceira arvore do segundo renque da quarta avenida... Cá está... Agora o signal. (*Encosta-se á arvore e brada:*) Cú-cú!

O ECHO, *muito amavel, respondendo logo*

Cú-cú!

EMPENHO JÚNIOR

Bem, ouviu... Esperemos... (*Accende um cigarro e falla ao publico, d'esta arte:*) Hão-de querer que lhes diga o que isto é e o que venho cá fazer. E' o

costume: o publico tem o vezo da bisbilhotice e exige tudo «tim tim por tim tim». Mas eu, por costume tambem, tenho o horror dos monologos. Sou irreductivel n'este ponto. Alguns camaradas meus, o Hugo, o Dumas, o Shakespeare e o Alberto Braga estafaram o *truc*, que reconheço ser muito commodo para as situações embaraçosas como esta em que me vejo. Eu havia lançado mão d'outro *rodruiguinho*... Convidára o Archangelico Principe das Trevas, meu padrinho, para a cavaqueira d'esta revista. O bom do diabo, grotesco e na espinha, veio sem licença do patrão. Ora o Guerra Junqueiro, apesar de tolstoiano, não é para graças. Furibundo, exprobbou-lhe o ridiculo em que caíra e mandou-o recolher á *Morte de D. João*. E aquí me téem sem compadre... A quem hei-de debitar as piadas, a alta psychologia e a fina critica que tencionava expor-vos?... Vejo-me forçado, para não quebrar a minha phobia pelo monologo, que é muito respeitovel, a pedir a vossa benevolencia e desculpas de não lhes dizer ao que vim.

Acabadas estas palavras, senta-se e espera. O publico, bem impressionado com as explicações de Empenho Junior, espera tambem. Em scena escurece de todo

UMA VOZ MYSTERIOSA

Cú-cú!

EMPENHO JUNIOR, *levantando-se*

Cú-cú, é commigo! (*Respondendo:*) Cú-cú!

Um vulto aproxima-se

A VOZ DO VULTO

Quem te envia?

EMPENHO JUNIOR

Sua Magestade a Moda.

A VOZ DO VULTO

Trazes credenciaes?

EMPENHO JUNIOR, *entregando-lhe uma missiva*

Eil-as!

*O vulto projecta o clarão d'uma lanterna de furta-fogo
sobre os pergaminhos*

A VOZ DO VULTO

Está conforme. (*Gritando para um bastidor*) Zé-
phyro!

A VOZ DO ZÉPHYRO, *ciciando*

Presente!

A VOZ DO VULTO

Manda entrar a Lua!... (*Para Empenho*) Preci-
samós de luz...

*Immediatamente, a Lua, seguida dos poetas «aza de môscæ»,
entra em scena. Luar a jôrros no palco*

A LUA, *balouçando as pernas, como se fosse ensaiada
pelo sr. Sousa Bastos, canta:*

De perna nua,
Olhos brejeiros,
Eu sou a Lua
Dos revisteiros.

São meus adórnos,
Fingindo prata,
Um par de córnos
Feitos em lata...

Trago uns poetas
Atraz de mim,
Pobres patetas
Rimando assim:

Declamando

—«A lua, a lua,
Que além fluctua...»

Tornando á cantiga

De perna nua,
Olhos brejeiros,
Etc.

OS POETAS, *em côro, oscillando o corpo na cadencia
do compasso:*

Poetas,
Patetas,
Rimando, vivemos...
Cantamos em tôrno
Da lua,
Que sua
Co'os versos de côrno
Que nós lhe fazemos!...

*A Lua repete a trova, os poetas tornam a impingir o côro, tal e
qual como se usa nos theatros, até o publico estar massado*

O VULTO, bocejando

Basta!... Podes ir passear com a tua côrte de
modo que não nos falte luar.

A Lua e os poetas retiram-se para os bastidores

O VULTO

E agora, Empenho Junior, vou apresentar-me. Sou
Cupido, por alcunha «o Amor», filho de Venus.

EMPENHO JUNIOR, *curvando-se todo*

Muito gôsto! Já o conhecia de nome! Na terra
d'onde vim, é v. ex.^a muito estimado e até cantado
n'uma bella canção dos naturaes do paiz. Diz assim:





«Cupido quando nasceu
Tres beijos á mãe pediu,
Tão pequeno e tão brejeiro...

CUPIDO, *atalhando providencialmente*

Sciul... Pouco barulho... Approxima-se um habitante da Cuculandia. São muito timidos e, de natural, concentrados. Observa-o...

O CUCULANDEZ, *receioso, entrando aos pulinhos*

Oh! noite bella! Oh! noite silenciosa!

CUPIDO, *saindo-lhe ao caminho*

Cú-cú!

O CUCULANDEZ, *n'um pequenino grito*

Ai! filhinho! que susto! Cuidava-me só...

CUPIDO

Andas á caça dos pyrilampos?

O CUCULANDEZ

Não, amorsinho... Tomo o meu banho de luar.
Ai! Cupido, o luar dá-me uns tons á pelle!...
Todo eu pareço vestido d'opala!... Não achas?

CUPIDO

Estás divino!

O CUCULANDEZ, *saindo*

Adeus, Amor!

CUPIDO

Adeus! *Bonne chance! (a Empenho)* Que te parece?

EMPENHO JUNIOR

Mas que gente é esta?

CUPIDO

E' a gente á moda. Has-de ser assim, d'aqui a pouco...

EMPENHO JUNIOR

Eu?!

CUPIDO

Queres trepar? triumphar na vida?

EMPENHO JUNIOR

Quero, mas...

CUPIDO

Em breve, és director geral! E' processo infallivel!

EMPENHO JUNIOR

Será, mas...

CUPIDO

Tens medo?... Melhor!... Quem tem medo tambem tem o resto!

EMPENHO JUNIOR

O resto?

CUPIDO

Sim, idiota!... Ouve!... Jehovah plantou no Eden uma arvore: a arvore legendaria do Mal. Perto da arvore pôz a mulher, com a sua linda fórma d'amphora, n'uma grande harmonia de linhas curvas, e pôz o homem, modelado com dedos menos cariciosos mas mais energicos. Eva, curiosa e gulosa, olhou os ramos e viu o fructo. Era o fructo prohibido. Colheu-o: era o Peccado. Mordeu-o: era a perdição. Deu-o a trincar ao seu homem: d'ahi por diante foram miseraveis... Ella pariu entredores; Adão viveu entre chagas... Uns pobres diabolos!... D'uma vez, volvidos seculos, Adão, — um Adão differente do primitivo, — rodando em volta da arvore, descobriu-lhe um outro pómo. Parecia uma esphera d'oiro a balouçar-se entre as fo-





Ihas. Adão estendeu o braço e arrancou o fructo: era o fructo permittido. Trincou-o: era a Delicia. Levou-o para a sobremeza da sua Eva: nem dôres, nem chagas. Estava descoberto o grande amor, o divino prazer, o extase ineffavel!... D'ahi nasceu este paiz em que te encontras, a Cuculandia, como quem diz, a região do fructo permittido. (*Apontando-lhe typos que passam ao fundo*) Vê os filhos d'esta deliciosa terra, como são rechonchudinhos, delicados, meigos, cariciosos e sonhadores. E depois, amigo, a felicidade eterna acompanha-os... Chão onde surgem, floresce. Ideal que sonham, apparece. Goso a que aspiram, acontece!

EMPENHO JUNIOR

E' admiravel!

CUPIDO

Vou mostrar-t'os... Aquelle, por exemplo... E' um guarda civil da Cuculandia. (*Chamando-o*) O' camarada!

O GUARDA, *correndo*

Cú-cú!

CUPIDO

Apresente-se a este cavalheiro!

O GUARDA, *perfilando-se e botando ao estylo do «Burro do sr. Alcaide» a seguinte versalhada*

Peço perdão
Se tiver de prendel-o!
D'algum mau trato
Peço perdão,
Peço perdão!
Mas dou-lhe o meu retrato
E o meu cabello
Là na prisão!...
Peço perdão, (*tris*)
Perdão. (*bis*)

Em lufa-lufa
Ando n'um rufo...
Cà tudo bufa:
E eu tambem bufo!

Venho bufando,
Bufando vou...
Sempre bufando:
Eu bufo sou!

CUPIDO

Como vês, delicadissimo!

EMPENHO JUNIOR

Estou maravilhado! Lá na minha terra, só os ha-
assim em dias de grande gala, quando se apanham
de luva branca...

CUPIDO

Espera. Vaes ver os mais lindos habitantes da
Cuculandia... Queres machos ou femeas? A femea
está muito em moda...

EMPENHO JUNIOR

E vae melhor aos meus habitos.

CUPIDO, *gritando*

Zéphyro! (*Ao moço que apparece*) As meninas que
desçam à clareira!... (*para Empenho*) Veràs que-
belleza de fructa!

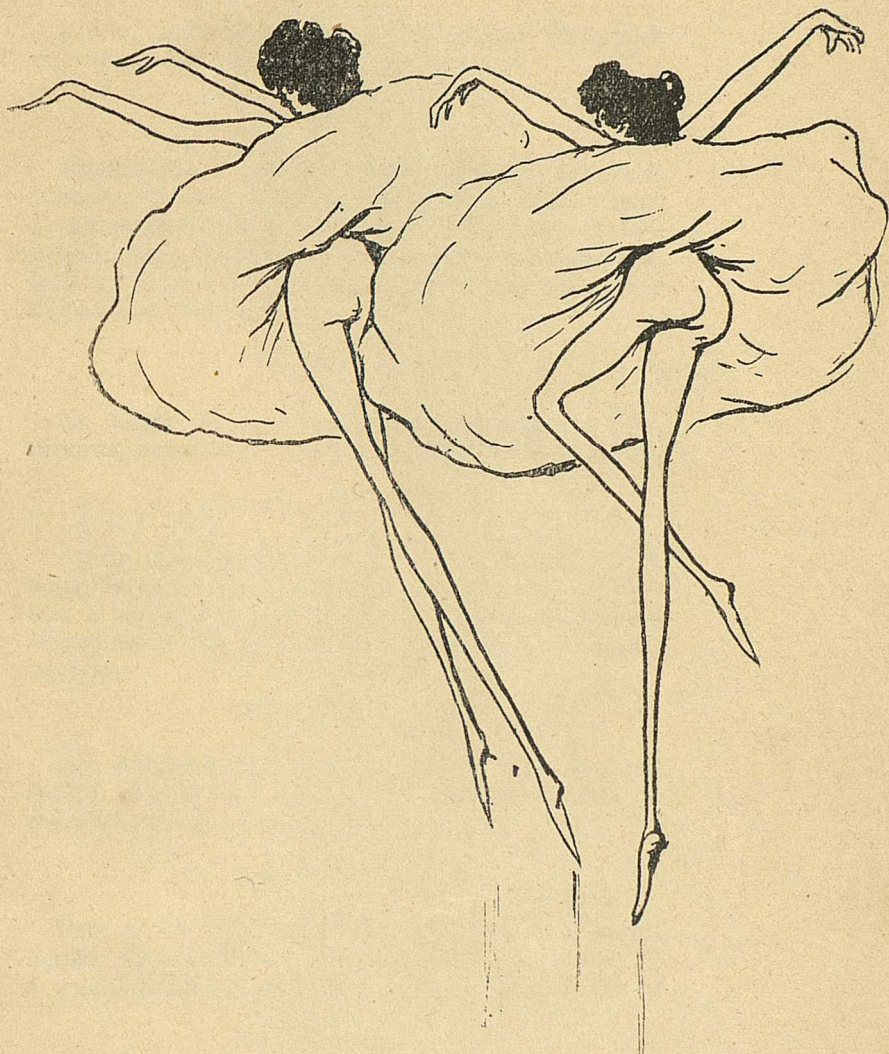
*Entra, como por encanto, uma revoada de cuculandezas aladas,
que executa deante de Empenho Junior um phantastico e ori-
ginalissimo bailado. O portuguezinho, muito enthiasmado,
n'um enorme deslumbramento d'olhos, solta «ohs!» e «ahs!»
quasi selvagens...*

CUPIDO

Que tal?









EMPENHO JUNIOR

Lindo, maravilhoso, magnifico, optimo! Fico, meu querido amigo. Fico!... Tens homem!...

CUPIDO

Agradecido... Agora, mostrar-t'as-hei de perto. (*Chamando uma*) Vem cá, pequena!... Aqui a tens, a cuculandea em fórma de abrunho. Innocencia e simplicidade. Muito redondinha, alegre e sympathica. Está na primavera da vida. Sonhos côr de rosa e alguns *flirts* sentimentaes.

EMPENHO JUNIOR

Na minha terra tambem ha d'isto, assim... Costureiras, meninas casadoiras e burguezinhas honestas.

CUPIDO, *acenando a outra*

Agora, esta, feítio pecego. Parece doirado... A lanugem que o cobre é deliciosa ao tacto... Beleza e amor, à grega! A suprema linha e a suprema elegancia... São os vinte e cinco annos da cuculandea.

EMPENHO JUNIOR

Isto é muito raro! Na minha terra poucos apparecem. Algum que sae à rua, leva uma cauda de mariolas. como um rebanho...

CUPIDO, *mostrando mais*

Este é dos trinta. Piriforme. Gravidade e impo-nencia. O classicismo e a severidade no amor. E' a cuculandea academica. Legenda:— *Fiez-vous-y!*

EMPENHO JUNIOR

Bem sei, bem sei. No meu paiz encontram-se em embaixatrizes e secretárias d'Estado. A's vezes ap-

parecem tambem nas *estatuas de marmore* do Colyseu...

CUPIDO

Aqui tens mais... Este é obra de fancaria ; chamam-lhe *petite marquise*... Pertence às *bas-bleu*, às *cocottes* e às *demi-vierges*...

EMPENHO JUNIOR

D'estes dizem là na minha terra: a gente vê caras, não vê corações!...

CUPIDO

Dizem bem. Aqui tens um, em *polonaise*. Muito fóra da moda.

EMPENHO JUNIOR

Na capital tambem os ha. São acolytados pela guarda municipal e pelos professores d'instrucção primaria.

CUPIDO

Um outro... Uma excentricidade: o *looping the loop*.

EMPENHO JUNIOR

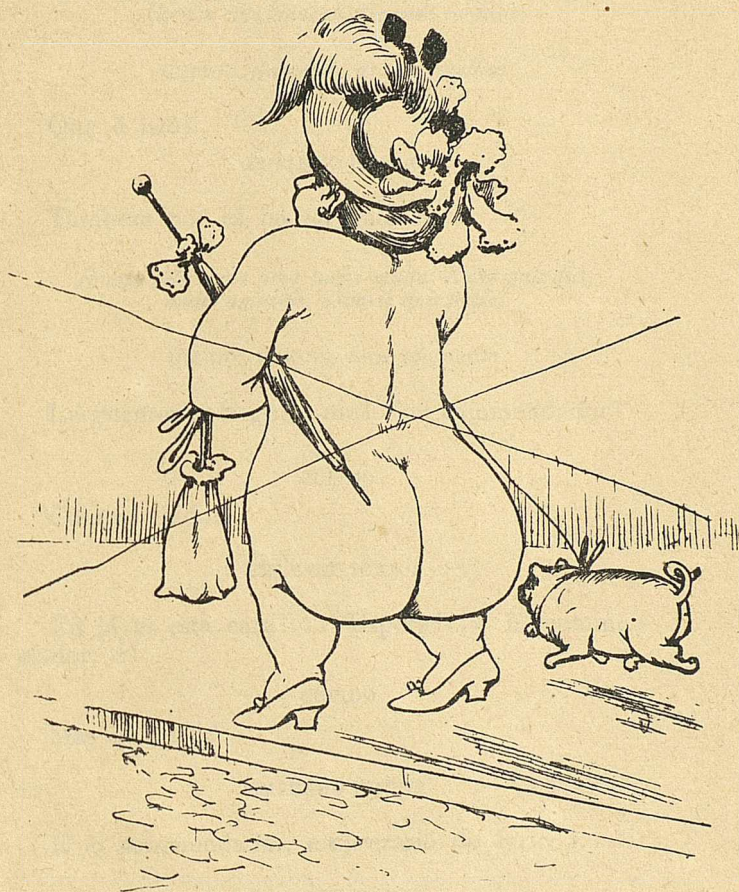
Esse não conheço.

CUPIDO

Nem vale a pena. E' muito arriscado nas subidas. Tenho aqui superior. O passado, o presente e o futuro. A melhor marca da fabrica. A cuculandea por excellencia, 40 annos, *signé* Rubens!

EMPENHO JUNIOR

Ah! amigo Cupido! Isto é *hors concours*! Até parece que se riem para a gente, que dizem adeus



Aqui tens um, em «polonaise»...



á gente e que fallam com a gente! Isto é Rubens e do bom!...

*Sente-se subitamente um enorme reboço no palco. Apitos.
Correm cuculandezes. Grande confusão*

CUPIDO, *franzindo as sobrancelhas*

Que é isto?

EMPENHO JUNIOR

Tambem por cá ha zaragatas?

*Rompe pela scena uma turba-multa. Entre guardas,
muito amaveis, vêem-se dois presos*

UM DOS PRESOS, *berrando muito*

Larguem-me, larguem-me! Sou commendador!

CUPIDO

Commendador?

EMPENHO JUNIOR

Eu já vi esta cara!... Espera!... E' commendador, é!

CUPIDO

Mas quem é?

EMPENHO JUNIOR

E' o commendador, empresario do lyrico!...

O COMMENDADOR

Isso, empresario! Empresario do lyrico!...

CUPIDO, *ao outro preso*

E tu?

O OUTRO PRESO

Eu sou trombone da Real Phylarmonica da Culandia!

*Aproveitando um silencio para impingir esta versalhada,
que parece do illustre Fernandes Costa:*

(Musica do «Só d'uma banda»)

Quando me agarro ao trombone
Sópro, sópro: *pó, pó, pó...*
Só d'uma banda,—(*tris*)
D'uma banda só!

Levo as lampas ao cyclone
Quando sópro o meu *pó, pó...*
Só d'uma banda,—(*tris*)
D'uma banda só.

Outro dia, n'um rondó,
Tanto soprei no trombone,
Só d'uma banda,—(*tris*)
D'uma banda só...

Que saiu-me, em vez do *pó*,
Uma phrase do Cambronne..
Só d'uma banda,—(*tris*)
D'uma banda só!

*A multidão acompanha em côro o refrain: «Só d'uma banda!»
— Como é de suppor que este numero agrade e tenha honras
de «bis», pede-se aos ex.^{mos} criticos a fineza de se mostrarem
bem dispostos.*

CUPIDO, ao commendador

Mas o que quer o senhor d'este trombone?

O COMMENDADOR

Quero leval-o para a minha orchestra! V. ex.^a não calcula! Trombone que là sopra, tiram-m'ó!... Mas este, com uma cara d'estas, com certeza não é cubiçado!

CUPIDO

Pois leve-o, e sejam felizes!

*O povoleo sae de scena, entoando a copla. No palco, ficam
Cupido e Empenho Junior*

CUPIDO

Então, meu amigo, estás resolvido a entrar na confraria?

EMPENHO JUNIOR

Se me garantes a fortuna...

CUPIDO

Absolutamente!... Aceitas?

EMPENHO JUNIOR, *apertando-lhe a mão*

Não ha remedio.

CUPIDO

Esplendido! (*tirando um pequenino boião do cinto e depondo-o nas mãos de Empenho Junior*) Aqui tens o passaporte...

EMPENHO JUNIOR

Um boião!... Que é isto?

CUPIDO

Lê...

EMPENHO JUNIOR, *soletrando*

Vaselina Dorin. Para que serve?

CUPIDO

Para os primeiros passos na tua vida nova!

MUTAÇÃO



QUADRO III

A INSTRUÇÃO NACIONAL

(Cortado pela policia)

Um dos mais espirituosos quadros d'esta revista.

A illustração junta é dada a titulo de curiosidade.

Representa uma visita á Escola Polytechnica.

A sciencia, quasi nua, como é d'uso ministrar-se n'aquelle estabelecimento, defronta-se com a ignorancia, tambem nua, d'um senhor alumno...

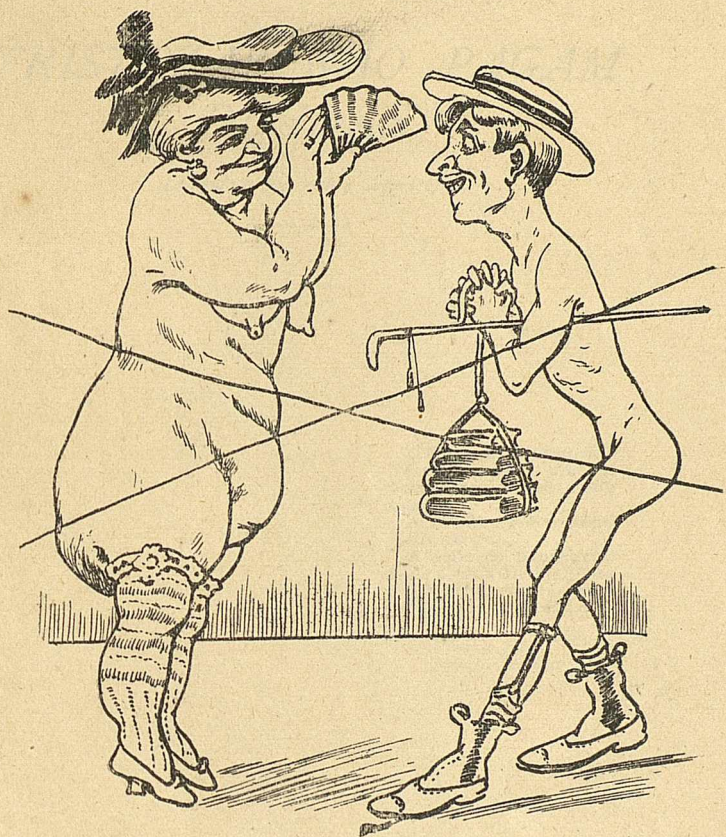
O corregedor não nos deixa dizer mais.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CHICAGO
1207 EAST 58TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637

1964

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CHICAGO
1207 EAST 58TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637





QUADRO IV

TRISTEZAS NÃO PAGAM DIVIDAS

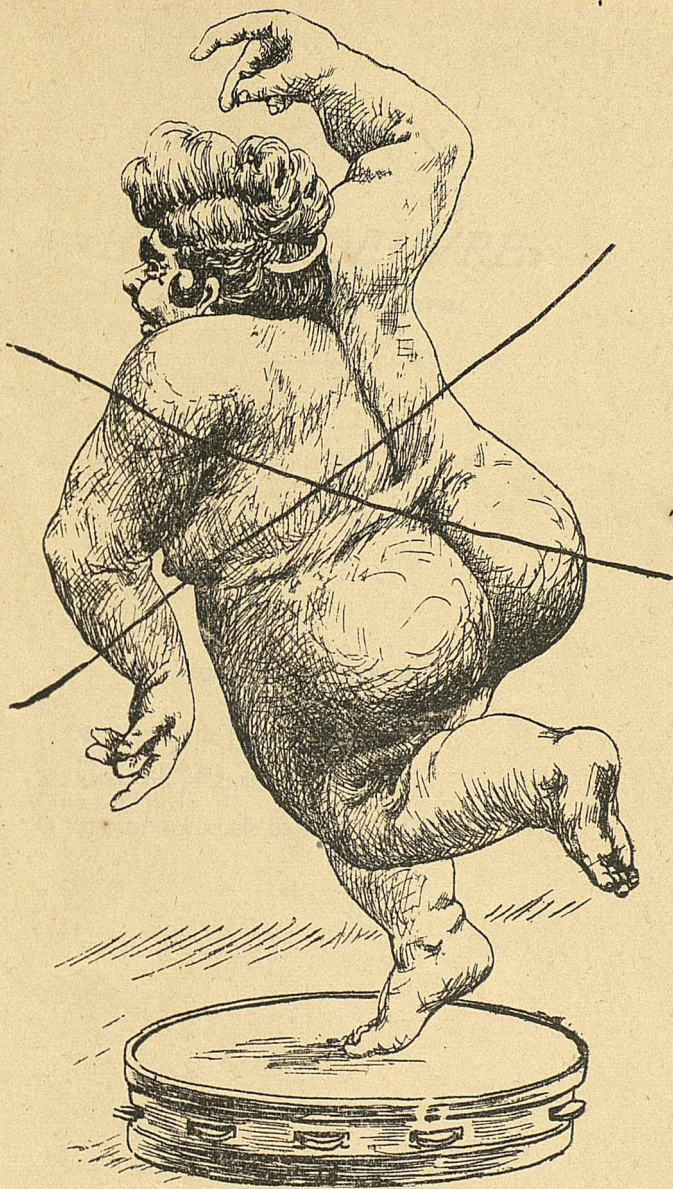
(Amputado por ordem superior)

O fino lapis de Francisco
Teixeira mostra um dos
bocadinhos d'ouro d'este
quadro.

A Divida — *genero gordo*
— diverte-se,

A pelle da pandeireta,
onde a croia-Divida pausa
o pé menineiro e lesto,
symbolisa a pelle do povo.

*Viva a folia,
Dançar, dançar...*





QUADRO V

«HORS D'OEUVRE»

«Interview» ao natural

FIGURAS DO QUADRO

O DR. EMPENHO JUNIOR

COSME

MARMELADA } Jornalistas

COLLA-TUDO }

O PESCADINHA, chefe da typographia

QUADRO V

«HORS D'ŒUVRE» : «INTERVIEW» AO NATURAL

Nas salas do jornal «O Camaleão». Atmosphaera fumarenta. Mobililia estylo «Feira da ladra». Alguns pobres ãiabos escrevinham. A orchestra, em surdina, esboça um trecho melodico da Gran-Via: os «Tres Ratas»

O COSME, *roendo as unhas*

O' coiso, *eminente* é com *e* ou com *i*?

COLLA-TUDO, *olhando o tecto, parvamente*

Vae-se ao Roquette, que é melhor... (*depois de folhear o dictionario*) Cà està!... E' com *e*. Tinha-o debaixo da lingua...

O COSME

Là me queria parecer. Obrigadinho, ó coiso...

MARMELADA. *entrando*

Vivam, principes!

O COSME

Adeus, ó coisinho... Trazes a *interview*?

MARMELADA

Qual! não quizeram receber-me!...

O COSME

O' diabo!... Faz-se do mesmo modo. Inventá-se.

MARMELADA

Isso é bom de dizer!... Eu, da Russia, só sei que ha coiros...

O COSME

E chá, grandissima besta!... Chá!

COLLA-TUDO, *interrompendo-os, n'um berro*

O' menino, cá está também no dictionario *imminente* com *i*...

O COSME

Ah! lá me queria parecer... Pode escrever-se d'ambas as maneiras: com *e* e com *i*.

MARMELADA

Mas tem sentidos varios...

O COSME

Que lhe dêem o que quizerem! A revisão que emende:—para isso é que se lhe paga!

MARMELADA

Isso é o *fundo*?

O COSME

E'. Uma catilinaria contra o governo. Tesissi-

mo!... Queres vêr? (*lendo*) «Està imminente a queda d'este governo de bandalhos, infames, poltrões, jesuitas e larapios! Arre, malandios!...»

MARMELADA, *eulhusiasmado*

Ahi, fadista!

O COSME, *continuando a leitura*

«Todos vós, cobardes, que já tendes annos para reflectir antes d'obrar...»

EMPENHO JUNIOR, *como por acaso, apparece á porta*

Bôa noite! V. ex.^{as} dão licença?

O COSME, *interrompendo a leitura*

Faça favor d'entrar!

EMPENHO JUNIOR

Sou o dr. Empenho Junior...

O COSME

Oh! muita honra!... E' v. ex.^a o auctor da peça que se representa depois d'amanhã no Normal?

EMPENHO JUNIOR

Sou. Venho visitar a illustrada redacção do *Camaleão*...

O COSME, *atalhando*

Creia, doutor, que ficamos encantados com a sua attenção... Vem naturalmente pedir-nos benevolencia, não é verdade?

EMPENHO JUNIOR

Não.

O COSME

Talvez trazer-nos a critica que deseja ver publicada nas nossas columnas...? E' a dois tostões a linha.

EMPENHO JUNIOR

Tambem não...

O COSME

Então...?

EMPENHO JUNIOR

Venho ao artigo da moda:—á *interview*!

MARMELADA, *apertando-lhe effusivamente as mãos*

Oh! meu caro senhor, cae do ceu aos trambulhões!

O COSME, *apresentando*

Este é o nosso *interviewer*, o projectado escriptor Marmelada, uma das mais robustas individualidades do nosso jornalismo...

EMPENHO JUNIOR

Já tinha ouvido falar... Pois, é verdade... O *Camaleão*, que leio assiduamente, contagiou-me da febre da *interview*. Seduz-me esta forma *new style* de jornalismo... E, para logo, cuidei de vir offercer-me, em holocausto, ao terrivel Moloch da curiosidade indigena... Antes que fossem entrevistar-me, achei de bom gosto vir espontaneamente servir-lhes, como um fructo raro, o delicioso manjar da minha psychologia...

O COSME

Eternamente gratos, doutor... Vou deixal-os á vontade...

MARMELADA, *offerecendo uma cadeia*

Queira v. ex.^a sentar-se. (*Baixo ao Cosme*) Já não dás o fundo?

COSME

Vou acabal-o para casa da Lola Bexigosa. (*N'uma grande venia, saindo*) Santas noites! (*Para o Collatudo*) Até logo, ó coiso...

MARMELADA, *depois de curto silencio, dispondo-se a escrever*

Que epigraphe leva a *interview*?

EMPENHO JUNIOR

Esta..., veja se gosta:— «Empenho Junior e a sua obra».

MARMELADA

Acho bem... E retrato, não traz?

EMPENHO JUNIOR

Por acaso, tenho aqui tres photographias... Curiosa coincidencia!... E' o meu retrato, a casa onde nasci e o meu gato. E' interessante reproduzir tambem o gato, porque, não sei se tem reparado, todos os homens de genio teem gato...

MARMELADA

E, as vezes, cães... no alfayate...

EMPENHO JUNIOR, *n'um grande riso*

Ahi tem um esplendido *mot de la fin*... um verdadeiro achado...

MARMELADA

Podemos começar...

EMPENHO JUNIOR

Diga lá, para abrir, que o ceu estava azul e que o sol punha manchas d'oiro na casaria...

MARMELADA, *tomando notas*

Cá está... E onde quer v. ex.^a que diga que nos entrevistámos?

EMPENHO JUNIOR

Em minha casa, por exemplo. O cavalheiro phantasia... Chame-lhe *home*, á ingleza. Carregue-lhe no decorativo. Tapetes vermelhos, reposteiros de veludo sanguineo, moveis em pau santo, — dê-lhe um tom prelaticio. Não se esqueça, *bibelots* sobre a mesa, um retrato do rei Eduardo...

MARMELADA

Quer algum livro do d'Annunzio? Está na brecha!

EMPENHO JUNIOR

Pois sim, mas não ponha o *Laudi*, que foi excommungado... Outro qualquer; a *Figlia di Iorio* serve. Arranje-me um *keepsake* ou coisa assim... O inglez está muito em dia. Ah! e quero flores, muitas flores!... Ramos de cyclamens, — que ninguém conhece nem eu, mas que agradam ás damas...

MARMELADA

E de v. ex.^a?... E' costume dizer as attitudes, o ar...

EMPENHO JUNIOR

Sim, decerto. Um *gentleman*. Distincção, *sans recherche*. Metta-lhe tambem umas piadinhas em francez... Poucas, — é idioma para guarda-portão...

MARMELADA

Posso dizer que v. ex.^a esteve largo tempo *ensimesmado*... E' neologismo dos finos...

EMPENHO JUNIOR

Vá lá o *ensimesmado*... e vamos á peça!

MARMELADA

Sou todo ouvidos...

EMPENHO JUNIOR

E' preciso que o publico entre no theatro sabendo o que vae ver... A's vezes, quando não o previnem, ferra com uma peça em terra!... A minha peça, meu caro amigo, é um caso de pathologia social, muito interessante. Chama-se *O que é isto?* — *O que é isto?* é nada e é tudo. E' uma tragedia altamente moderna. E' uma peça bebida em Ibsen, movimentada nos proccssos de Maeterlinck, com certos paradoxos á Dumas e algumas personagens do Augier, esse Ibsen *manqué*... A minha peça é a synthese, note o cavalheiro, a synthese do movimento theatral contemporaneo... Entretanto não sou plagiario! Oh! isso não!... Sou um ecletico, apenas...

MARMELADA

Comprehendo... Deve ser admiravel!

EMPENHO JUNIOR

Não calcula! Ha uma scena no quinto acto d'uma enorme tortura para a platéa. E' a da morte da ingenua...

MARMELADA

E de que morre essa menina?

EMPENHO JUNIOR

Oh! é uma morte verdadeiramente original!... Divina, amigo Marmelada, divina! Quando vi a *Crus da Esmola*, pensei em envenenar a minha ingenua com um vestido de noiva, tomado ás colheres... Mas depois, achei melhor. Calcule o cavalheiro:— matei-a com lombrigas!

MARMELADA

Com lombrigas, é extraordinario!...

EMPENHO JUNIOR

Como lhe digo,—com lombrigas!... Mas não pára aqui. Ao lado da nota tragica foi meu cuidado constante inventar o traço caricatural, a nota de farça que abrisse uma gargalhada na platêa. De modo que, parallelamente a essa morte lombricoide da donzella, ha em scena um papagaio que berra continuamente:—«Papagaio real, quem passa? E' o rei que vae para a caça!»

MARMELADA

Deve ser d'um espantoso effeito!

EMPENHO JUNIOR

Verá... Um contraste de crear o tal *frisson nouveau* de que falla o Hugo...

MARMELADA

Entretanto, não poderá dizer-me, doutor, a que visa a sua peça?

EMPENHO JUNIOR

Pois não!... A minha tragedia não é individualista, nem collectivista... O individualismo leva-nos á anarchia e eu sou terreno conservador. Por ou-

tro lado, o collectivismo envolve a mediocridade das turbas, e eu sou superiormente um cerebral, um aristocratico... Logo, opero na sociedade virgente, a unica intangivel para mim.

MARMELADA

E é de propaganda?

EMPENHO JUNIOR

Assim, assim... Eu sou o *homo sapiens*, o homem de genio, que dicto a lei á canalha. Percebe?

MARMELADA

Está visto que sim... V. ex.^a é, por assim dizer, uma especie de Ibsen...

EMPENHO JUNIOR

Não é bem isso. O Ibsen defende *le plus seul* e apresenta-o como *le plus fort*. Eu sou de parecer contrario. Acho que o mais forte é exactamente o que está mais acompanhado! Para mim, veja o cavalheiro, o homem é um elemento do meio. Se tirarem a sociedade ao homem, se o isolarem, elle deixa de ser homem — *homo sapiens* — e passa a ser homem bicho — *homo erectus*, da zoologia — sem interesse algum para a vida social.

MARMELADA

Problemas de sociologia transcendental...

EMPENHO JUNIOR

Como diz. Por isso na minha peça *O que é isto?* não ha propagandas, nem theses... *O que é isto?*, meu caro amigo, em ultima analyse, é a vida!

MARMELADA

Quer dizer, v. ex.^a é conservador em arte...

EMPENHO JUNIOR

Em tudo, sr. Marmelada. Para mim ha uma unica revolução, — a da sciencia.

MARMELADA

De modo que a peça *O que é isto?* assenta em bases scientificas...

EMPENHO JUNIOR

Sim.

MARMELADA

E ao mesmo tempo transige com o publico?

EMPENHO JUNIOR

Está claro!... Então o cavalheiro quer theatro em Portugal, sem transigência com o publico?!... Na nossa terra a peça de theatro é feita de collaboração com o camaroteiro. A melhor peça é a que dá maiores lucros, — é o criterio.

MARMELADA

Mas v. ex.^a vae revoltar os novos!

EMPENHO JUNIOR

M'en fiche!... Isso são uns pataratas da critica. Uns Nordaus de capellista... Metta-os no *métier*, — e verá! — Começam logo a fazer peças como botas!... Olhe, os consagrados!... E quem se revoltar dá com os focinhos em terra!

MARMELADA

Estou vendo que se o Ibsen fosse portuguez...

EMPENHO JUNIOR

O Ibsen, em Portugal, chama-se Mello Barreto,

que é o traductor provavel, e «será possível» de todas as peças... E o theatro ibseniano, quando se representa, chama-se *Pato Bravo* e parece sempre... *pato marreco*...

MARMELADA

No seu entender, o theatro norueguez não deve dar-se entre nós?

EMPENHO JUNIOR

No meu e no entender de todos os meus collegas dramaturgos... Porque, amigo Marmelada, peças norueguesas são para a Noruega, e peças portuguezas para Portugal. Além de que, ha n'essas peças scenas que nós aproveitamos de quando em quando, e não convem que o publico saiba onde as fômos buscar...

MARMELADA

E' bem pensado. E que peças imagina v. ex.^a que devem ser representadas?

EMPENHO JUNIOR

Quer que lhe responda com franqueza?... Pois bem. Antes de todas, as minhas. E depois... as minhas tambem!

MARMELADA

Oh! é delicioso!

EMPENHO JUNIOR

Isto já lhe dá artigo, não é verdade?

MARMELADA

Dá. Guiza-se por aqui com uns adjectivos, tres ou quatro lérias e... prompto!

EMPENHO JUNIOR

Para rematar, assim como quem não quer a coisa, approxime-me do Ibsen... Pode mesmo chamar-me Ibsen... do sul. Não custa nada e é catita!

MARMELADA

Muito catita e não offende ninguém...

EMPENHO JUNIOR

Sabe?... Gostava d'ouvir ler a *interview*, amanhã, antes de a mandar para a typographia... Quando a terá prompta?

MARMELADA

A' tardinha...

EMPENHO JUNIOR

Então, faz-se uma coisa! O meu amigo está no Bragança ás sete para jantar commigo... Acceita?

MARMELADA, *commovidissimo*

Oh! sr. Ibsen... quero dizer, doutor! Pois não: acceito e agradeço muitissimo a v. ex.a...

Empenho Junior levanta-se para sair

O PESCADINHA, *entrando*

Seu Colla-Tudo, faltam seis columnas!

COLLA-TUDO, *acordando, furioso*

Seis!

PESCADINHA

E' como canta...

COLLA-TUDO

E o artigo de *fundo*?

PESCADINHA

Ora, o *fundo*!... O seu Cosme teve uma zara-gata com a Lola Bexigosa e ella despedaçou-lhe o artigo na cara!

MARMELADA

Abobora! Por causa da Lola, deixa de sair um artigo tesissimo, que botava o governo a terra, pela certa!

COLLA-TUDO

Faltam então seis columnas? Bem, espere... (*Vae-se a varios periodicos, corta-os com uma grande tesoura, estende-lhes gomma e pega-os em tiras de papel branco*) Ahi tem!... Chega?

PESCADINHA

Deve chegar... (*sae*).

EMPENHO JUNIOR

Isso é que se chama escrever depressa!...

COLLA-TUDO

Meu caro senhor, a vida são dois dias... Hon-tem ainda, era eu cartazeiro, por conta do sr. D. Thomaz de Mello. E d'ahi, hoje sou jornalista e di-rijo a opinião publica. Ora, como lhe digo! D'uma vez, enganei-me, — collei um boneco de circo de pernas para o ar e fui despedido.. Entrei para o jornal... O trabalho è o mesmo. Córto os arti-gos, bezunto-os de gomma, pespego-os n'um «lin-guado» e... ála para a typographia... Se vão ás avessas, elles lá os endireitam... A vida é assim! Não apanho chuvas, nem frios e não estou sujeito a cair da escada. Quando me quero divertir, zás, bilhetinho de theatro!... Só não melhorei na algi-beira... O ordenado, nos cartazes e na imprensa, é o mesmo: uma miseria!

EMPENHO JUNIOR

E' muito pittoresco, o seu collega Colla-Tudo... Ah! e outra coisa que me ia esquecendo... Diga, de passagem, que mr. Luiz Filippe de Seringo-Bastos está a verter-me a obra para a lingua de Molière...

MARMELADA

Já a verter?

EMPENHO JUNIOR

Sim. O titulo em francez é—*Qu'est-ce que c'est que ça?*—E' optimo, não acha? Adeus, amigo Marmelada! (*Sae*).

MUTAÇÃO

QUADRO VI

FIVE O'CLOCK TEA

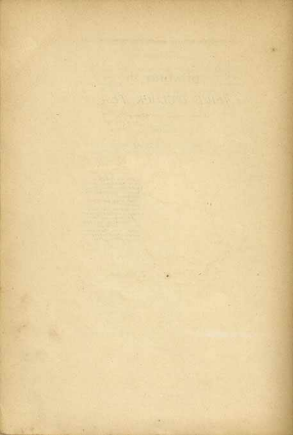
(A policia cortou: castrat ridendo mores)

Era um quadro de bizarra phantasia. Satyra mordente, versos juveniles, illustrações de raro engenho.

Que pena não o podem ler!

O desenho que ahi vae tinha a seguinte legenda:

A verdade nua e crua ou a Tuberculose Social do Gallis, «aos montes ensinando e ás hervinhas», alguns effeitos maravilhosos das «Pilulas Pink».





QUADRO VII

SIC ITUR AD ASTRA

FIGURAS DO QUADRO

O COMMENDADOR EMPENHO JUNIOR
O CONDE DE «FORGET-ME-NOT», janota
MARMELADA, secretario de Empenho
UMA DAMA
UM ADDIDO
O CÔSME, jornalista

DAMAS, CAVALHEIROS, JANOTAS, CRÍTICOS, JORNALISTAS,
POVO, ETC.

QUADRO VII

SIC ITUR AD ASTRA

Avista-se um panorama delicioso: o rio, os montes escarpados da Outra Banda, a peanha do velho castello toda semeada de casinhôlos antiquados, o mamillo da Graça florindo das verduras d'um jardim, o môrro da Penha, as eminências do Campo dos Martyres, — onde as casas do Thorel dão uma nota de bom gosto, as avenidas, os campos relvosos de Val' Pereiro, a casa dos doidos, lugubre, n'um campo d'oliveiras contorcidas... — A scena passa-se no jardim de S. Pedro d'Alcantara. O monumento a Empenho Junior, coberto de bandeiras, espera a hora solemne da inauguração official. A um dos lados, sob um toldo de seda, serve-se o lunch aos convidados, — signé Marques. Um sextetto executa escolhidas peças do seu vastissimo repertorio. Nos varios grupos, frigideira e borboleteante, avista-se, sempre por acaso, o nosso admiravel Empenho. ()*

UMA DAMA, *ao seu addido*

Diga, Fulgencio: gosta do meu chapeo?

O ADDIDO

E' um appetite, minha cara amiga!... E estas *sandwichs* de *foie-gras*... não acha?

AVISO IMPORTANTE — Como á ultima hora não fosse possivel montar o esplendido scenario d'este quadro, a empresa deliberou exhibir em sombrinhas chinezas e pede ao respeitavel e intelligente publico que a desculpe.

A DAMA

Ah! Fulgencio, um appetite!... um appetite!...

EMPENHO, *conduzindo um grupo de jornalistas*

Venham, meus senhores! Eu desejo adjectivos admiraveis, ineditos, catapultuosos!... Recommen-do-lhes as *galantines* e o *Mumm*... E' *cordon rouge*. Não ha melhor para desatar as azas da inspiração!

O COSME, *erguendo uma taça*

Viva o commendador Empenho!

OS JORNALISTAS, *em unisono*

Hip, hip, hurrah!

Empenho, visivelmente commovido, fica-se entregue a libações fraternas

MARMELADA, *correndo ao encontro d'uma elegante personagem*

Pois tambem v. ex.^a, senhor conde de *Forget-me-not*? Que honra! V. ex.^a, o arbitro de todos os decorativos, o divino estheta, o Petronio dos Petronios!...

O CONDE, *amabilissimo*

Não podia faltar á festa do nosso Empenho... Elle representa a suprema arte, eu represento a suprema elegancia. Espiritualmente, somos gémeos! De modo que a consagração que lhe promovem é um pouco tambem a minha consagração...

MARMELADA

Oh! a esplendida *trouvaille*!... Diga-me uma coisa, conde: é realmente muito difficil conseguir a linha indelevel que contorna uma creatura d'*élite*?



O CONDE

E' e não é...

MARMELADA

Se podesse!... Eu que cheguei já a secretario de Empenho Junior, de bom grado tentava as azas para satélite do nobre conde de *Forget me not!*

O CONDE, *sorrindo*

Pois eu lhe dou conselhos, meu amigo. Vão por musica... (*Cantando:*)

Vista d'um bom alfayate;
Seja elegante. Alcovite...
E, com voz de bonifrate,
Diga só:—Ai, que appetite!...

Tenha o ar de quem reflecte,
E um partido em que milite.
Cada coisa que interprete,
Diga só:—Ai, que appetite!...

Seja um gentil alcayote...
Damas, artistas visite...
E traço lindo que note,
Diga só:—Ai, que appetite!...

Se ouvir phrase que repute
Fóra d'um certo limite,
— Por principio algum discute —
Diga só:—Ai, que appetite!...

MARMELADA

«Ai, que appetite!...» Um simples estribilho!

O CONDE

Um estribilho que se transforma em gazúa...

Não ha porta ou coração que se conserve cerrado!... Mas, ali vem o nosso Empenho! (*Indo-lhe ao caminho*). Permitta-me que o abraçe, meu caro amigo!

EMPENHO

Oh! nobre conde de *Forget me not*!...

O CONDE

E' justo, é d'uma altissima significação o acto a que venho assistir... E' uma divida que a Patria paga n'uma hora inolvidavel.

EMPENHO

Diz bem, conde. A hora da minha consagração, prestes a soar no relógio do Tempo, reconcilia-me com o calvario da vida que trepei arduamente... Ah! meu amigo, creia, já estava fatigado de ter tanto talento!

O CONDE

Entretanto, não é o meu caro commendador dos mais desfavorecidos da sorte...

EMPENHO

E' certo. A Patria contempla-me desvanecida com um bom ordenado. Honrarias e famas, tudo consegui. Commendas são tantas que tenho de as pôr pelas calças abaixo!... Mas isto tudo não me bastava!... Sentia uma sêde enorme de gloria, d'uma gloria perduravel, eterna!...

O CONDE

O monumento?

EMPENHO

Exacto, o monumento! A unica coisa que me faltava... a consagração no marmore e no bronze!

O CONDE

São coisas que costumam fazer-se *post-mortem*...

EMPENHO

Eu sei... Mas ha-de concordar, amigo *Forget me not*, que estar uma pessoa a vida inteira a trabalhar como uma besta, para no fim apanhar uma consagração que não gosa, uma consagração para os outros,—é duro de roer! Não, isso não! E depois, podiam comer-me a massa do monumento, como já teem feito a varios concidadãos illustres...

O CONDE

De modo que deliberou consagrar-se, expontaneamente, em vida?

EMPENHO

Tal e qual! Escolhi o sitio... Decidi-me por este jardim de S. Pedro d'Alcantara: domina a cidade e tem o ar severo e triste que convem á minha obra... Não calcula os passos que tive de dar. Já havia logares marcados...

O CONDE

Sim?!

EMPENHO

Como nas conferencias dos Martyres. Um era para o jornalista Coelho, o inclito fundador da industria dos quartos com porta para a escada. Outro, já tinha o lenço atado: era para o Chagas... Se não me apresso, arriscava-me a ficar no ôlho da rua!...

O CONDE

E então?

EMPENHO

Fui á camara, adquiri o terreno, mandei chamar

o grande e horrivel canteiro Eliazar e dei-lhe a idéa do monumento... Ficou obra aceiada...

O CONDE

Ainda bem, meu amigo... Uma das minhas aspirações era felicitá-lo pelo estado de aceio em que podesse encontrar o seu monumento.

EMPENHO

A idéa foi a seguinte: Eu, de pé, leio a minha peça, *O que é isto?* Em baixo, a Tragedia, maravilhada, abre-me os braços, convidando-me á cópula d'Arte. Na base, esta legenda: — «Anda cá, meu filho, escuta!» —, como se fosse a Tragedia a chamar-me... Esplendida, como vê!

O CONDE

Oh! é um appetite, minha joia!

EMPENHO

Depois convidei o elemento official, o artistico, as damas, os criticos, encommendei o *lunch* no Marques, os discursos na Academia, — e aqui tem o amigo *Forget me not* a manifestação a que vae assistir.

O CONDE

Um appetite!... E agora, continua a escrever peças?

EMPENHO

Não. Agora, atiro-me á politica e salvo a patria!

O CONDE

Bravo!

EMPENHO

Acabo com a *vida velha* e com os partidos de rotação. A *vida nova* impõe-se!

O CONDE

E os rotativos?

EMPENHO

Abdicam.

O CONDE

E' uma rotação que se trava...

EMPENHO

Isso. Nunca mais anda a roda. Abdica.

O CONDE

E quem governa?

EMPENHO

Um ministerio sem partidos.

O CONDE

E o parlamento?

EMPENHO

Abdica.

O CONDE

Per omnia?

EMPENHO

Não. Volta para a discussão do que convier discutir.

O CONDE

Mas isso é uma dictadura! Você não detesta as as dictaduras?

EMPENHO

As dos outros, detesto. Mas essas abdicam. A minha é d'outro genero.

O CONDE

Ah!

EMPENHO

Liberdade d'imprensa... O Veiga abdica.

O CONDE

Serio?

EMPENHO

Mas só ha um jornal: O *Diario do Governo*.

O CONDE

Percebo!... E estabelecida essa *vida-nova*?...

EMPENHO

Abdico, tambem e voltam os da *vida-velha* a andar á roda, até que a nação precise outra vez da minha salvação. Não acha bem?

O CONDE

Oh! um appetite, minha joia!

EMPENHO

Só uma coisa me faz pena... Que não seja ainda facil e pratico separar o corpo da alma e tornar a reunil-os quando se queira...

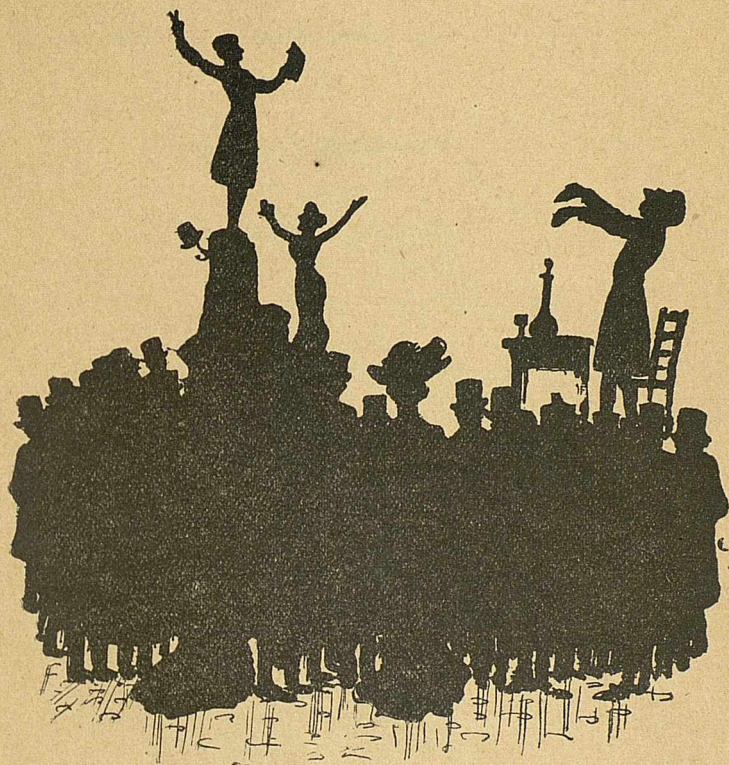
O CONDE, *admirado e confuso*

Para que?!

EMPENHO

Atrevia-me a remover o meu cadaver para os Jeronymos, com toda a pompa, e...

Empenho não continúa. Esalám foguetes. A musica rompe com o Hymno. E' a hora da inauguração. Empenho corre para



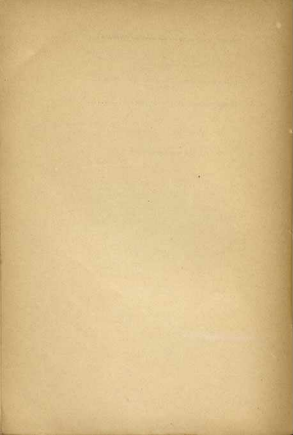
*o estrado e descerra a estatua. Ha vivorio e ovações. O mops
d'uma dama salta á base do monumento e depõe a sua ho-
menagem. Faz-se um respeitoso silencio*

O ORADOR LAROUSSE DA BANALIDADE, *abrindo os braços,*
exclama :

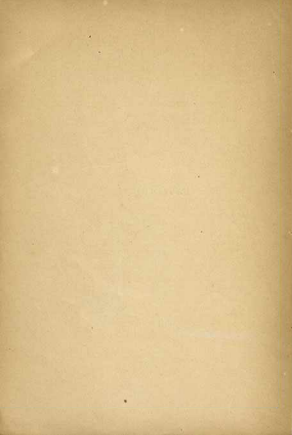
Minhas senhoras e meus senhores!.....

O panno desce vertiginosamente

ASSIM TERMINA A REVISTA



EPILOGO



EPILOGO

SOBRE A MORALIDADE DA REVISTA

*J'aime les moralités, elles
endorment.*

BARON

Acabas de ler, pachorrento leitor, trechos d'uma revista mais ou menos baptistadinizada, que mão imiga e impiedosa trucidou ferozmente na Bastilha da Estrella.

Vejo-te minaz a chispa d'ira que esta prepotencia iniqua accende nas meninas de teus olhos e creio, do fundo d'alma, que sintas ganas e formigueiros de protestar contra o monstruoso ataque de liberdades civicas que te priva, no instante augusto em que deglutiste o almoço e comesças palitando as anfractuosidades cariadas dos dentes, do inesfavel prazer d'ouvir falar mal do proximo, que é teu chefe, e do paiz, que é tua Patria.

O protesto, entre arrôtos d'uma ruim digestão, — que o cavalheiro mostra *facies* de flatulento... —, tem o valor d'um desabafo platonico que não transmutará a face da terra.



O mundo é assim, e as tyrannias succedem-se encadeiadas como n'uma farandula de quadrilha.

Tu que ahi estás impando palavões, eu cheio de intima revolta, somos tyrannos em nossa casa... com as nossas mulheres e os nossos filhos.

De modo que, reconhecida a inutilidade do esforço que hemos de gastar no protesto, visto o automatismo com que cada um de nós bota cá para fóra o tyrannete que esconde na alma, melhor será... assar á ordem do dia.

A qual ordem é—Empenho Junior.

Empenho Junior, filho de Empenho Senior, descendente de todos os Empenhos a quem tu, e eu, e nós todos, varões assignalados, devemos o emprego, o exame, o bem estar e a assignatura em S. Carlos,—é assaz conhecido e estimado em terras lusas para dispensar as formulas rigidas d'uma apresentação em regra.

Empenho Junior lidou com os homens, como um bacteriologista estudando microbios. Tratou-os em caldo de cultura, viu-os desenvolver na mentira, na bandalheira, no cynismo, preparou-os em sôros e vaccinas, inoculou-os no porquinho do amor, no misero ratinho do interesse, no macacão da gloria, no jerico da sabedoria, e ao fim, queimadas as pestanas e embranquecidos os cabellos, tomando-se como symbolo, escreveu, em revista de titeres, uma autobiographia que é, pura e simplesmente, a vida de toda a gente.

Eis a genese d'esse alinhavão de quadros que, visto á luz da sciencia d'onde parte toda a moral sã, tem o alto valor d'um capitulo de prophylaxia social.

De resto tu sabes bem, leitor, o que representam todos esses heroes da moda e todas essas glorias de cordel que o teu jornal, o teu engraxador e o teu barbeiro, systematicamente, usam servir-te em proclamações, mais ou menos requentadas, com o competente mólho de palavras d'honra.

O que são os genios, os grandes artistas, os integros politicos, as formosas mulheres, as robustas e intelligentes creanças?

Words, words, words!... como diz o nosso bom amigo Hamlet, da Dinamarca.

No intimo, todos pensamos com aquelle excellente ratão Lichtenberg, allemão casmurro, que a posteridade ha-de esbandalhar-se á gargalhada no dia em que, batendo á porta d'essas reputações de palavras ôccas, d'esses ninhos d'onde o passaro da fama abalou para sempre, encontrar tudo vazio, completamente deshabitado, sem uma idéa que lhe responda, confiante: — entre!

E isto que todos nós sabemos, sem pessimismos, sem azedumes, sem doença, no indifferentismo banal d'um habito inveterado, e que nenhum de nós vem á rua gritar, descreve-o Empenho Junior ligeiramente, quasi a rir, em *vol-au-vent* para todos os paladares...

Fará indigestão?

L'indigestion est chargée par le bon Dieu de faire de la morale aux estomacs (*) — disse, gastrophyllosóficamente, mestre Hugo.

Conclusão: — a revista de Empenho Junior é moral.

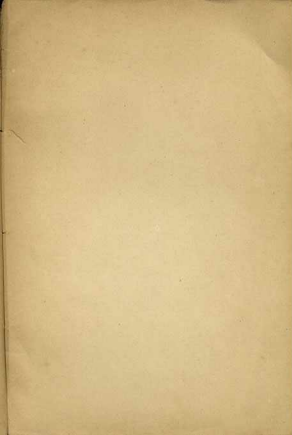
Se moralisa ou não, isso é contigo, — *hypocrite* leitor, meu semelhante e meu irmão...

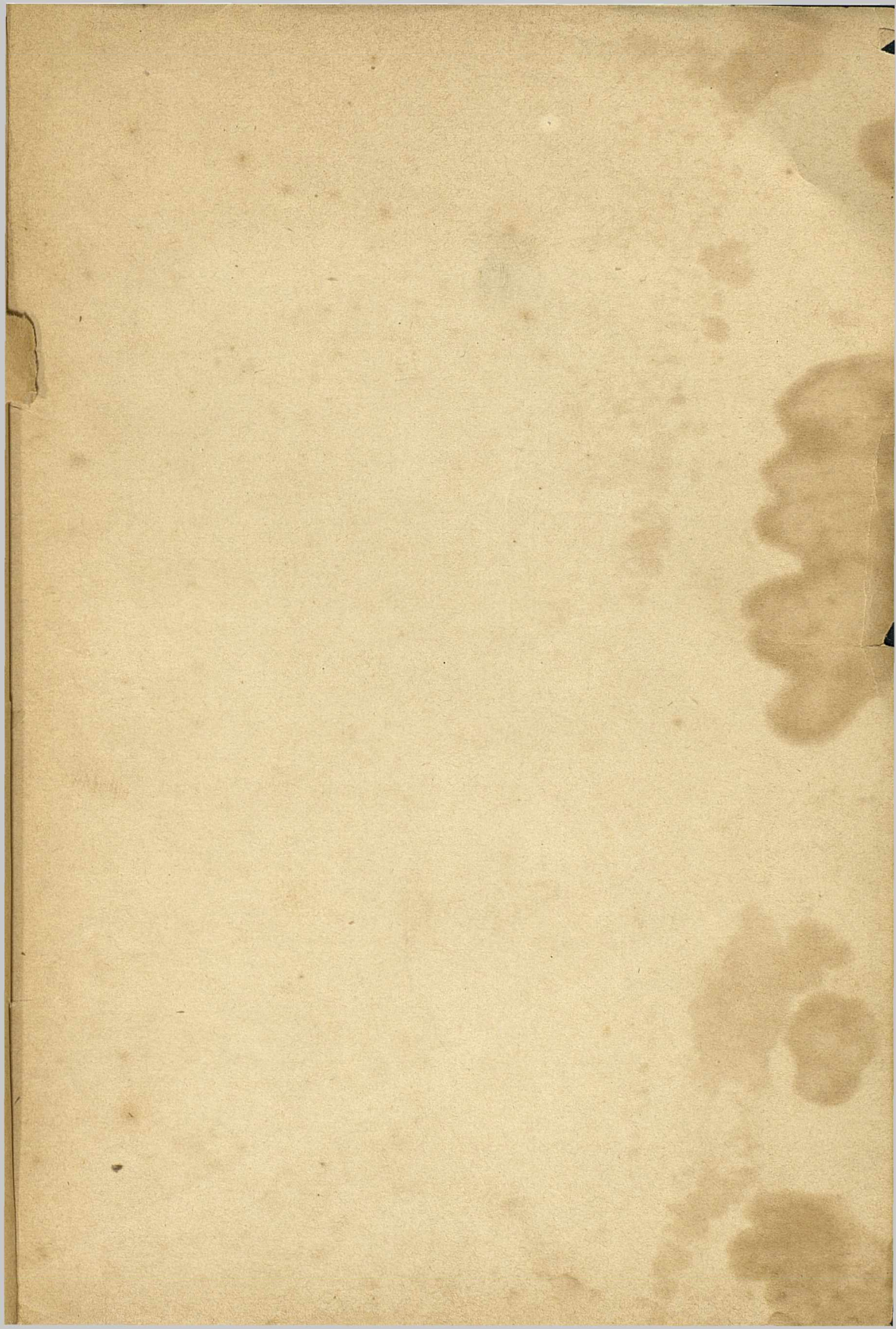
Janeiro de 1904.

MANUEL PENTEADO.



* Oh! a admiravel erudição!...





137
3